



# *SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS*

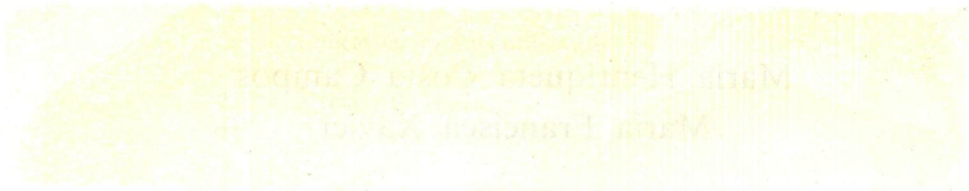
MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS  
MARIA FRANCISCA XAVIER

Maria Henriqueta Costa Campos  
Maria Francisca Xavier

# SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

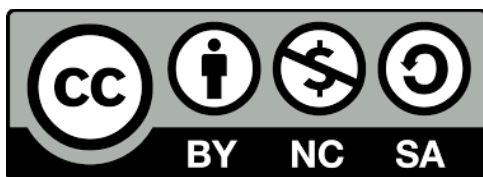
Universidade Aberta  
1991

UNIVERSIDADE  
ABERTA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**  
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147  
1200 Lisboa

D.L.: 45.193/91  
I.S.B.N.: 972-674-072-X



# Sintaxe e Semântica do Português

---

## 1. Introdução

- 13 **Objectivos**
- 13 Objectivos gerais
- 14 Objectivos específicos

## 2. Conceitos básicos

- 17 **Tábua de matérias**
- 18 **Objectivos**
- 19 **Objectivo da Linguística**
- 19 Níveis de representação
- 21 Definição de objectivos
- 22 **Competência linguística**
- 23 Criatividade linguística
- 24 Intuição linguística
- 26 **Competência e performance**
- 27 Gramaticalidade e aceitabilidade
- 29 Criatividade específica da performance
- 31 **O domínio da sintaxe e semântica**
- 32 Frase e enunciado
- 34 **Tópicos de recapitulação geral**
- 34 **Referências bibliográficas**

## 3. A organização de uma gramática

- 37 **Tábua de matérias**
- 38 **Objectivos**
- 40 **O modelo T**
- 40 **A relação entre as componentes da Gramática**
- 49 **Tópicos de recapitulação geral**
- 50 **Referências bibliográficas**

## 4. Sobre funções gramaticais

- 53 **Tábua de matérias**
- 54 **Objectivos**
- 55 **Conceitos tradicionais e definições formais**

---

68	<b>Conceitos formais utilizados</b>
72	<b>A teoria da regência</b>
73	Comando de constituinte
75	<b>A ordem de constituintes</b>
77	A ordem de constituintes transformada
79	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
79	<b>Referências bibliográficas</b>

## **5. Relações semânticas e papéis temáticos**

83	<b>Tábua de matérias</b>
84	<b>Objectivos</b>
85	<b>A grelha temática dos predicados lexicais</b>
90	Papéis temáticos
94	<b>Alguns primitivos semânticos</b>
95	Verbos agentivos e não agentivos
99	<b>A hierarquia temática</b>
102	Verbos psicológicos
103	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
104	<b>Referências bibliográficas</b>

## **6. A Sintaxe X-Barra**

107	<b>Tábua de matérias</b>
108	<b>Objectivos</b>
110	<b>O esquema X-Barra</b>
111	<b>A estrutura dos sintagmas</b>
116	A estrutura do SN
116	O núcleo do SN
122	Complementos e adjuntos
138	A estrutura do SV
138	O núcleo do SV
139	Complementos e adjuntos
147	A estrutura do SC
147	O núcleo do SC
148	O complemento e o especificador
154	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
154	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## 7. Léxico e sintaxe

159	<b>Tábua de matérias</b>
160	<b>Objectivos</b>
165	<b>Atribuição dos papéis temáticos</b>
166	Argumento externo e argumentos internos
170	<b>O caso estrutural e o caso inerente</b>
172	Os casos estruturais
178	A hipótese inacusativa
186	Os casos inerentes
189	<b>A classificação verbal</b>
191	<b>Algumas entradas lexicais</b>
191	Os verbos
204	Nomes, adjectivos, advérbios e preposições
211	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
211	<b>Referências bibliográficas</b>

## 8. Estrutura semântica do enunciado

217	<b>Tábua de matérias</b>
218	<b>Objectivos</b>
219	<b>Sentido e referente</b>
219	Sentido e sistema
221	Referência e enunciação
222	O referente do enunciado
223	<b>Sobre a referência</b>
223	Expressões referenciais e expressões predicativas
224	Expressões definidas e expressões indefinidas
225	Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
226	Ambiguidade referencial
227	Expressões definidas
229	<b>Referente e valor referencial</b>
230	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
231	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## 9. Estrutura semântica do léxico

- 235 **Tábua de matérias**
- 236 **Objectivos**
- 237 **Antonímia coplementar**
- 240 **Antonímia graduável**
- 243 **Antonímia conversa**
- 245 **Hiponímia**
- 247 **Relações parte-todo**
- 250 **Tópicos de recapitulação geral**
- 250 **Referências bibliográficas**

## 10. Algumas estruturas sintácticas do português

- 253 **Tábua de matérias**
- 254 **Objectivos**
- 255 **A construção interrogativa**
  - 255 A interrogativa total
    - 256 A interrogativa total directa
    - 257 A interrogativa total indirecta
  - 258 A interrogativa parcial
    - 259 A interrogativa parcial directa
      - 261 A interrogativa de complemento directo
      - 266 A interrogativa de sujeito
      - 268 A interrogativa de complemento indirecto
      - 269 A interrogativa de adjunto circunstancial
    - 271 A interrogativa parcial indirecta
- 274 **A construção relativa**
  - 276 Distribuição das construções relativas
    - 276 A construção relativa sujeito
    - 278 A construção relativa complemento directo
    - 279 A construção relativa complemento indirecto
    - 280 A construção relativa adjunto circunstancial
  - 282 A estrutura interna das orações relativas
- 286 **A teoria do movimento e a teoria da ligação**
- 290 **Tópicos de recapitulação geral**
- 290 **Referências bibliográficas**

---

## 11. Construção de valores referenciais de algumas categorias gramaticais do português

293	<b>Tábua de matérias</b>
294	<b>Objectivos</b>
302	<b>Valores aspectuais-temporais</b>
302	Tempos gramaticais e referência temporal-aspectual
307	Adverbiais de tempo
309	Adverbiais de localização temporal
311	Adverbiais de localização aspectual
312	Natureza aspectual da relação predicativa
314	Eventos
317	Estados e actividades
320	A tipologia de Vendler
322	Relações predicativas e adverbiais de realização
324	Interdependência na construção do valor aspectual
327	Particularidades aspectuais de alguns tempos gramaticais do português
327	Pretérito perfeito simples
331	Pretérito perfeito composto
338	<b>Valores modais</b>
339	Tipos de modalidade
339	Modalidade epistémica
341	Modalidade apreciativa
342	Modalidade intersujeitos
343	A interrogação
343	A interrogação total
345	A interrogação parcial
347	A interrogação retórica
349	O conceito de pré-construído
351	As construções relativas
352	A construção causal marcada por 'já que'
354	Em guisa de introdução
355	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
356	<b>Referências bibliográficas</b>

## 12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

359	<b>Tábua de matérias</b>
360	<b>Objectivos</b>
361	<b>Referência anafórica</b>
364	Referência actual e referência virtual
365	Anáfora contextual
365	Anáfora pronominal

---

366	Anáfora nominal
368	Anáfora lexical
371	O especificador do anafórico nominal
373	Correferência e anáfora
374	Alguns tipos diferentes de relação anafórica
377	<b>Referência deíctica</b>
378	Referência deíctica e referência anafórica
379	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
379	<b>Referências bibliográficas</b>
381	<b>Bibliografia geral</b>

---

**10. Algumas estruturas sintáticas do português**

---

## TÁBUA DE MATÉRIAS

---

- 10. **Algumas estruturas sintácticas do Português**
  - 10.1 **A construção interrogativa**
  - 10.1.1 A interrogativa total
  - 10.1.1.1 A interrogativa total directa
  - 10.1.1.2 A interrogativa total indirecta
  - 10.1.2 A interrogativa parcial
  - 10.1.2.1 A interrogativa parcial directa
  - 10.1.2.1.1 A interrogativa de complemento directo
  - 10.1.2.1.2 A interrogativa de sujeito
  - 10.1.2.1.3 A interrogativa de complemento indirecto
  - 10.1.2.1.4 A interrogativa de adjunto circunstancial
  - 10.1.2.2 A interrogativa parcial indirecta
  - 10.2 **A construção relativa**
  - 10.2.1 Distribuição das construções relativas
  - 10.2.1.1 A construção relativa sujeito
  - 10.2.1.2 A construção relativa complemento directo
  - 10.2.1.3 A construção relativa complemento indirecto
  - 10.2.1.4 A construção relativa adjunto circunstancial
  - 10.2.2 A estrutura interna das orações relativas
  - 10.3 **A teoria do movimento e a teoria da ligação**
  - 10.4 **Tópicos de recapitulação geral**
- Referências bibliográficas**

---

## Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- saber representar, por meio de parênteses e em diagrama em árvore, as estruturas subjacentes a diferentes tipos de construções Interrogativas e de construções Relativas
- poder demonstrar a validade das Teorias do Caso e Temática na explicação das construções
- conseguir justificar a existência das duas posições sintácticas à esquerda do SFlex — a posição do núcleo C e a do especificador de C
- distinguir a regra de Mover-SN da regra de Mover-Q
- compreender a caracterização do vestígio de SN e a do vestígio de sintagma-Q, associando cada um deles à relação formal que legitima a sua existência estrutural — a formação de cadeia e a relação operador-variável, respectivamente.

---

Dispomos, neste momento, dos elementos necessários para podermos analisar as diferentes construções sintácticas do português. Contudo, na impossibilidade de descrevermos todos os tipos de construções, seleccionámos apenas dois: a Interrogativa e a Relativa.

A maior parte das estruturas sintácticas representadas nas unidades anteriores correspondem a construções Declarativas [-Int] simples.

Em vários pontos deste texto, fizemos considerações sobre a construção Passiva, que, na unidade 7, incluímos no conjunto das construções ergativas.

Não diremos nada sobre a Negativa, a Exclamativa, a Topicalização, etc., não porque não sejam construções interessantes mas porque não as podemos considerar todas neste texto.

A nossa decisão de descrever as construções Interrogativa e Relativa justifica-se pelo facto de serem idênticas as regras de movimento envolvidas na derivação das frases daqueles dois tipos. Nas Interrogativas com movimento e nas Relativas em geral, um sintagma-Q surge no início da frase independentemente da sua função sintáctica básica. Assim, pretendemos demonstrar que o mecanismo subjacente às duas construções — Interrogativa e Relativa — envolve a mesma regra transformacional — Mover-Q

## 10.1 A construção interrogativa

Iremos descrever diferentes tipos de construções Interrogativas — [+Int]. Adoptamos a classificação corrente daquelas construções por razões metodológicas, classificação que é retomada e comentada na unidade 11 relativamente às propriedades semânticas das construções que realizam a Interrogação em português.

### 10.1.1. *A interrogativa total*

A *construção Interrogativa Total* não tem nada de particular do ponto de vista sintáctico. Vamos, no entanto, considerar dois tipos: a **Interrogativa Total Directa** e a **Interrogativa Total Indirecta**. A construção do primeiro tipo corresponde a frases independentes, pelo que são denominadas Interrogativas Directas, enquanto a construção do segundo tipo corresponde a frases dependentes, subcategorizadas ou encaixadas, pelo que são denominadas Interrogativas Indirectas.

### 10.1.1.1 A interrogativa total directa

A construção Interrogativa Total, também denominada **Interrogativa Sim-Não** ou **Interrogativa Fechada**, tem uma ordem de constituintes idêntica à de uma construção Declarativa, sendo apenas diferente a curva melódica de uma e de outra, área que está fora do âmbito deste curso.

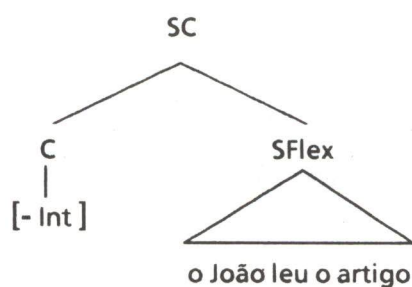
Examinemos os exemplos seguintes:

- (1) a. o João leu o artigo.
- b. o João leu o artigo?

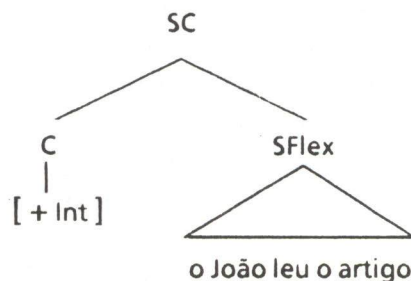
No que respeita às frases de (1), verificamos que o núcleo C que encabeça a estrutura SC se encontra lexicalmente vazio e que o seu complemento SFlex contém todo o material lexical que faz parte de frases de tipos diferentes. A frase (1a) é interpretada como Declarativa, correspondendo-lhe uma determinada curva melódica (que representamos na escrita pelo sinal de pontuação «.»), e a frase (1b) é interpretada como Interrogativa, também com uma curva melódica própria (que representamos na escrita pelo sinal de pontuação «?»).

Dissemos na unidade 6, ponto 6.2.3.1, que, sendo o núcleo C foneticamente nulo, ele contém a informação [-Int] ou [+Int], informação esta que leva a frase a ser interpretada como Declarativa, com uma entoação, ou como Interrogativa, com outra entoação:

- (2) (i)



- (ii)



Nas representações (2) não existe qualquer diferença de natureza lexical ou sintáctica entre a frase Declarativa (2i) e a frase Interrogativa (2ii); no entanto, a Forma Fonética e a Forma Lógica atribuem-lhes interpretações diferentes, revelando que o núcleo C vazio tem valores distintos nos dois casos considerados.

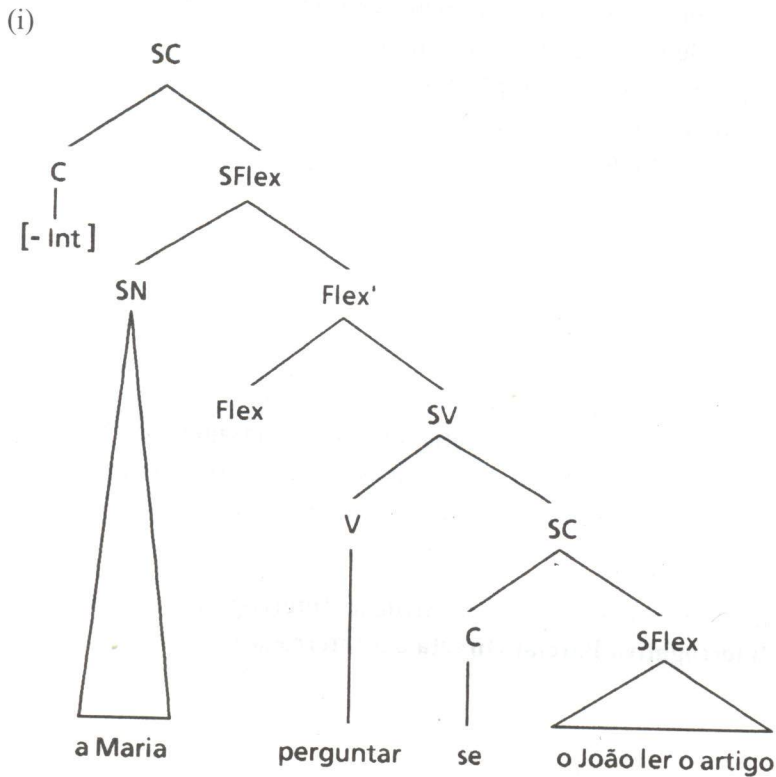
### 10.1.1.2 A interrogativa total indirecta

A Interrogativa Total Indirecta já foi referida nas unidades 6 e 7, embora não tenha sido denominada deste modo. A Interrogativa Total Indirecta é uma estrutura subcategorizada por um item lexical e introduzida pelo complementador *se*. Logo, é uma construção sintacticamente encaixada.

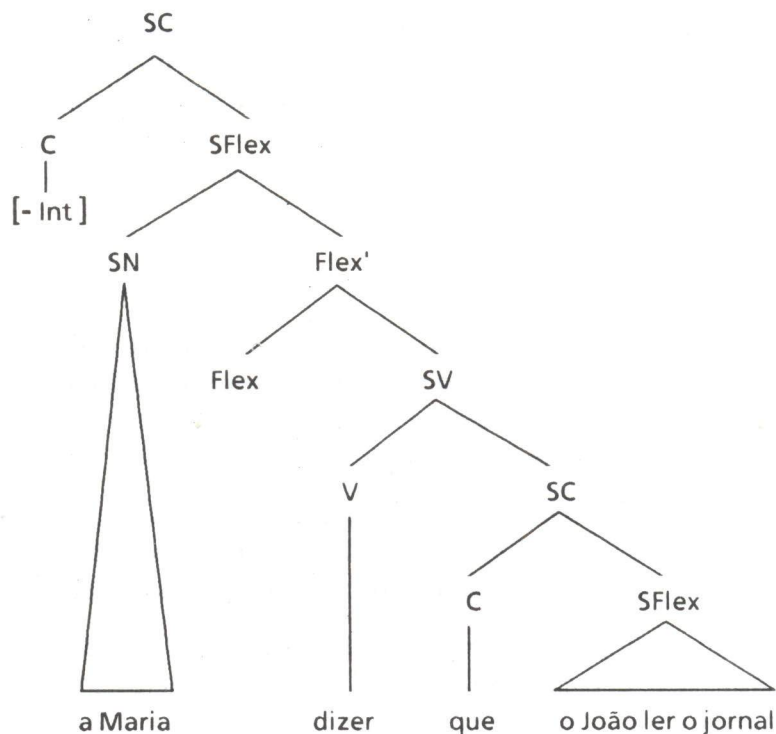
Os constituintes da oração Interrogativa Total Indirecta encontram-se na mesma ordem em que se realizam os constituintes de uma oração Declarativa subcategorizada, introduzida, ou não, pelo complementador *que*.

Observemos os exemplos de estruturas subcategorizadas com complementadores lexicais (isto é, com matriz fonética) e as representações simplificadas respectivas:

- (3) a. a Maria perguntou se o João leu o artigo  
 b. a Maria disse que o João leu o artigo



(ii)



Repare-se que os complementadores das frases matrizes estão vazios lexicalmente e são declarativos — [-Int] —, mas os complementadores das frases encaixadas, subcategorizadas, são realizados lexicalmente. Os complementadores lexicais de (3a) e de (3b) são diferentes, correspondendo, portanto, a frases de tipo diferente: o complementador *se* leva a que a frase subordinada seja interpretada como Interrogativa Indirecta, e o complementador *que* leva a que a frase subordinada seja interpretada como Declarativa.

### 10.1.2 A interrogativa parcial

A construção Interrogativa Parcial é também denominada **Interrogativa Q** porque envolve um **sintagma interrogativo - sintagma-Q**. O sintagma-Q encontra-se, em Estrutura-S, na posição-A' de Especificador de C e está coindexado com o seu vestígio, uma categoria vazia numa posição-A, no interior do SFlex<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver unidade 6, ponto 6.2.3

Também relativamente a esta construção Interrogativa consideramos dois tipos: a **Interrogativa Parcial Directa** e a **Interrogativa Parcial Indirecta**.

### 10.1.2.1 A interrogativa parcial directa

Nas situações normais as Interrogativas Parciais apresentam o sintagma-Q no início da frase, mesmo que este seja basicamente um complemento do verbo ou um adjunto circunstancial. Assim, o sintagma-Q interrogativo pode corresponder a diferentes categorias sintagmáticas ou ser realizado por um morfema-Q — *que, quem, quando, como*, etc.

Repare-se nos seguintes exemplos:

- (4) a. [SN que artigo]/[SN (o) que] leu o João (na tua casa)?  
a'. [SN que artigo]/[SN (o) que] é que o João leu (na tua casa)?  
b. [SP a que pessoas]/[SP a quem] enviou a Maria o artigo?  
b'. [SP a que pessoas]/[SP a quem] é que a Maria enviou o artigo?  
c. [SP a que horas]/[SP quando] telefonou o João?  
c'. [SP a que horas]/[SP quando] é que o João telefonou?  
d. [SP em que sítio]/[SP onde] leu o João o artigo?  
d'. [SP em que sítio]/[SP onde] é que o João leu o artigo?

Noutro tipo de construções Interrogativas - **Interrogativa Eco** —, em que geralmente se repete o enunciado produzido por outra pessoa, o sintagma-Q pode permanecer na posição básica (**in situ**), como mostramos nos exemplos seguintes:

- (5) a. o João leu o último artigo de Chomsky na minha casa  
a'. o João leu [SN que artigo]/[SN o quê] na tua casa?  
b. a Maria enviou o artigo ao João  
b'. a Maria enviou o artigo [SP a quem]?  
c. o João telefonou às três horas  
c'. o João telefonou [SP a que horas]/[SP quando]?  
d. o João leu o artigo na minha casa  
d'. o João leu o artigo [SP em que sítio]/[SP onde]?

Como se vê nos exemplos acima, aquelas Interrogativas Eco apresentam a mesma ordem de constituintes das construções Declarativas, tendo de diferente, para além da curva melódica, um sintagma interrogativo **in situ** — um SX — associado a um complementador interrogativo — C [+Int].

---

Voltemos às construções típicas de Interrogativas Parciais, que envolvem movimento do sintagma-Q, exemplificadas em (4). É interessante verificar que, em português, as Interrogativas Q são, normalmente, realizadas de duas maneiras:

- (6) (i) com Inversão da Ordem Sujeito Verbo
- (ii) com *é que* e sem Inversão

As duas situações acima são visíveis nos exemplos de (5) e reforçadas pelo contraste seguinte:

- (7) a. \*(o) que o João leu?
- b. (o) que leu o João?

A construção (7a) é pouco natural, sendo a sua má formação devida à falta de Inversão da Ordem Sujeito Verbo, que se verifica na construção bem formada (7b).

No entanto, em construções em que o sintagma-Q tem um núcleo lexical N as construções interrogativas sem Inversão são aceitáveis, embora as construções com Inversão sejam mais naturais.

Observe-se o exemplo seguinte:

- (8) a. ?que artigo o João leu?
- b. que artigo leu o João?

Também em relação às construções Interrogativas com *é que* pode verificar-se ou não a Inversão da Ordem Sujeito Verbo, como mostram os exemplos seguintes:

- (9) a. que artigo/(o) que é que leu o João?
- b. que artigo/(o) que é que o João leu?

Ao contrário do que se passa com as frases de (7), que revelam um contraste importante, porque a construção sem Inversão é mal-formada, as frases de (8) apresentam um ligeiro contraste e as de (9) são possíveis sem Inversão e com Inversão.

Assim, verificamos que estas construções revelam problemas que não é possível aprofundar neste curso, pelo que remetemos para a bibliografia sobre o assunto<sup>1</sup>.

Na descrição de algumas Interrogativas Q, que apresentamos a seguir, consideramos as duas situações de (6) como tipos normais daquelas construções. Não iremos, portanto, considerar os casos em que é possível combinar (6i) com (6ii).

<sup>1</sup> Ver, em particular, Âmbar (1988).

10.1.2.1.1 A interrogativa de complemento directo

A construção Interrogativa de Complemento Directo apresenta o sintagma-Q que funciona como Objecto Directo do verbo na posição-A' de Especificador de C, em Estrutura-S.

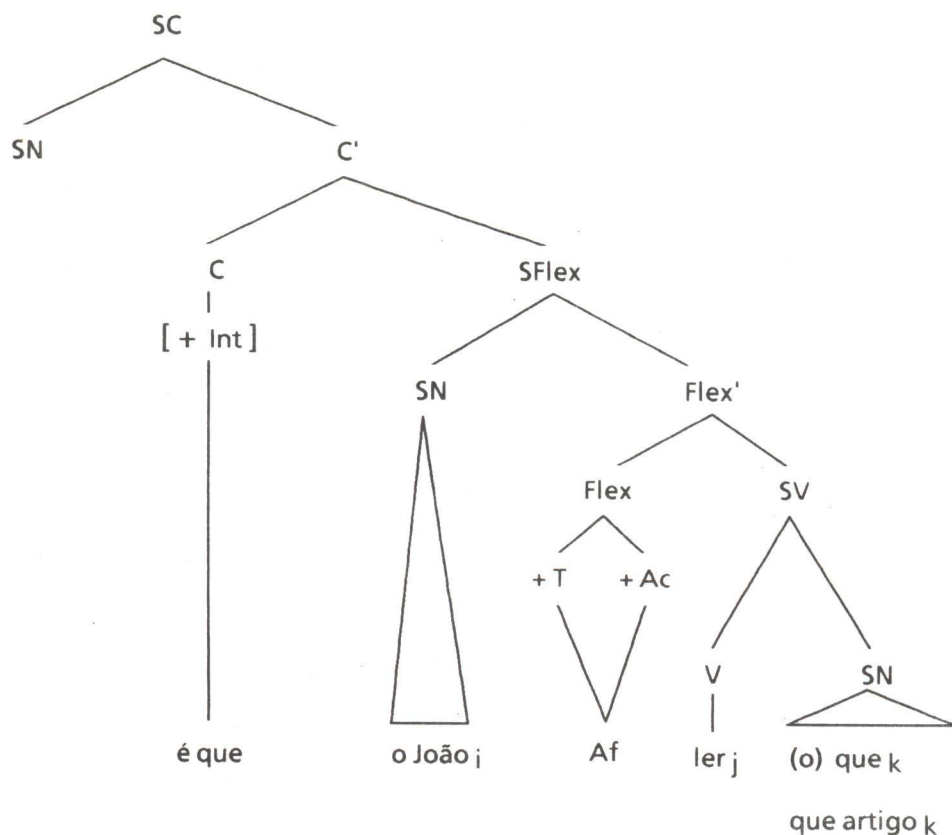
Consideremos os seguintes exemplos:

- (10) a. (o) que/que artigo é que o João leu?  
 b. (o)que/que artigo leu o João?

Em (10a), temos uma construção com *é que*, sem Inversão, e, em (10b), temos uma construção sem *é que*, com Inversão.

Vamos, então, observar as representações simplificadas subjacentes à frase (10a) com *é que* funcionando como núcleo de SC:

- (11) (i) Estrutura-P da(s) frase(s):  
 (o) que/que artigo é que o João leu?



<sup>1</sup> Ver, em particular as unidades 5 e 7.

Nesta representação, todos os elementos temáticos estão identificados por índices referenciais — *o João<sub>i</sub>; ler<sub>j</sub>* e *(o) que<sub>k</sub>/que artigo<sub>k</sub>*. Recorde-se que o núcleo temático, neste caso *ler*, e os seus argumentos são projectados no interior do SFlex, em Estrutura-P, como se vê em (11i). Os SNs argumentos do verbo ocupam posições-A temáticas. O [SN (o) que/que artigo] complemento do verbo transitivo —[SN,SV]— está numa posição-A temática com caso, e o [SN o João] sujeito — [SN,SFlex] — está também numa posição-A temática com caso, legitimada pelo núcleo funcional Flex com os traços [+T, +Ac]<sup>1</sup>.

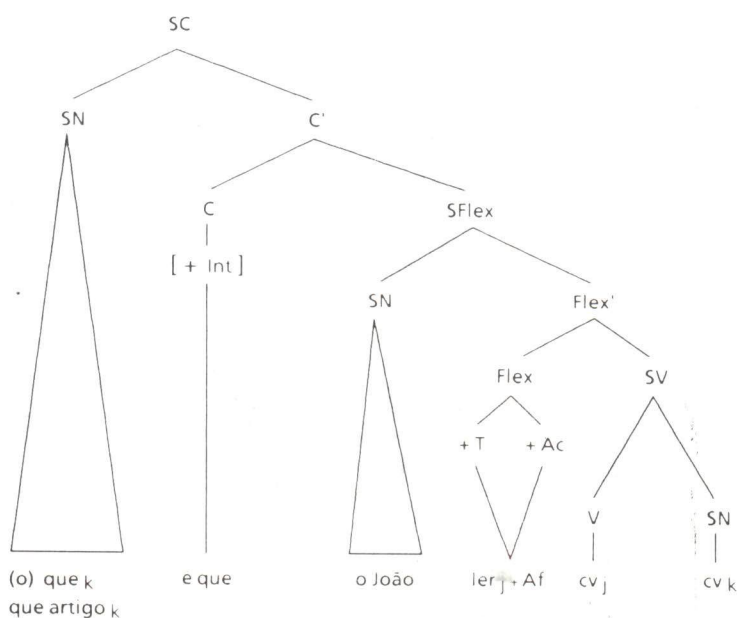
Na representação (11i), à esquerda do SFlex encontram-se duas posições sintácticas — a posição do núcleo funcional C, que nestas construções é ocupada por *é que*, e a posição de especificador de C, que é uma posição-A' vazia para onde vai ser movido o SQ objecto directo do verbo da(s) frase(s) a que corresponde a Estrutura-P (11i).

Como se pode ver facilmente, temos um problema na representação simplificada (11i), visto estarmos a considerar que *é que* é apenas um núcleo funcional — C — embora tenhamos, de facto, uma categoria com dois elementos lexicais — o verbo *ser* associado à flexão [-Pass 3p + s] e o complementador *que*. A razão da nossa decisão de considerar *é que* como o núcleo C tem a ver com o facto de verificarmos que *é que*, nestas construções, não é sequer utilizado como um mecanismo enfático. Nestas interrogativas *é que* não tem o estatuto de uma construção sintáctica completa, funcionando como o núcleo funcional C que encabeça uma estrutura interrogativa simples.

Observemos a Estrutura-S, associada à Estrutura-P (11i), em:

(11) (ii) Estrutura-S da(s) frase(s):

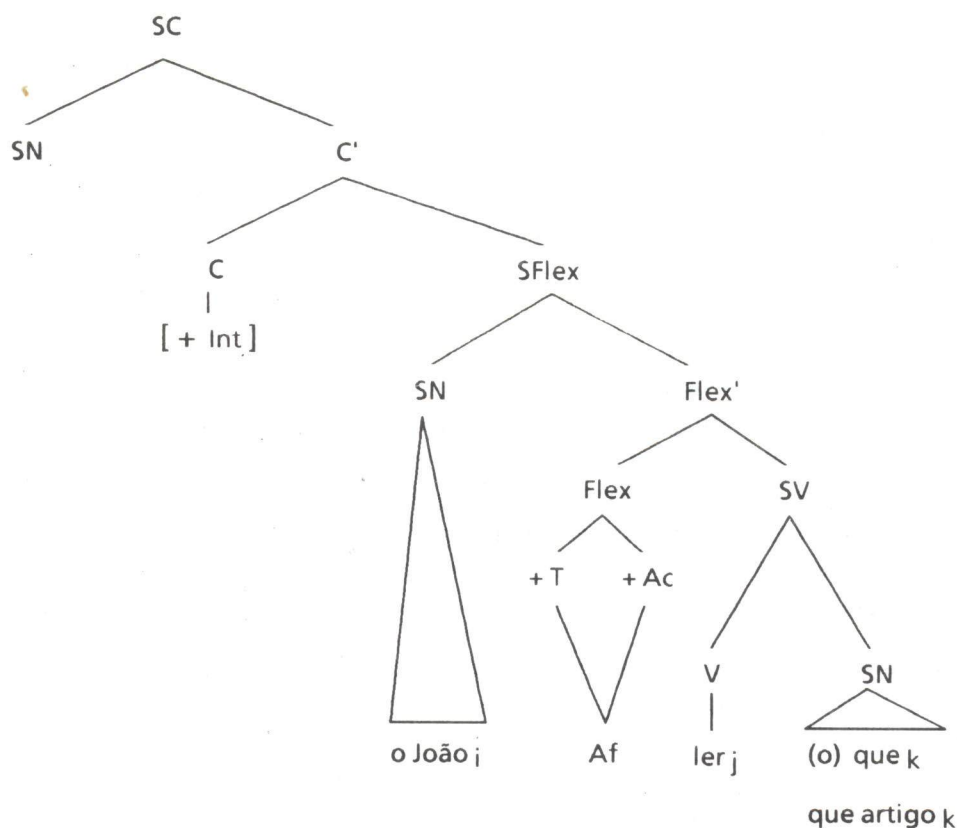
*(o) que/que artigo é que o João leu?*



Verificamos que a regra de Mover- $\alpha$  que associa a Estrutura-P (11i) à Estrutura-S (11ii) foi aplicada relativamente a duas categorias. Pela aplicação da regra de Mover-V, o verbo *ler* sobe para Flex e deixa um vestígio na posição básica, instanciando um movimento de um núcleo para outro núcleo. Tecnicamente, trata-se de um movimento para a posição de adjunção à esquerda de Flex, que nós simplificámos na representação (11ii). Pela aplicação da regra de Mover-Q, o SN objecto directo do verbo sobe para a posição de Espec de C, que está vazia na Estrutura-P (11i), e deixa um vestígio na posição básica —  $cv_k$  —, instanciando um movimento de uma projecção máxima SN a partir de uma posição-A para outra projecção máxima do mesmo tipo — SN — numa posição-A'.

Vamos agora representar, simplificada, as estruturas subjacentes à frase (10b) sem *é que*, com Inversão da Ordem Sujeito Verbo para Verbo Sujeito:

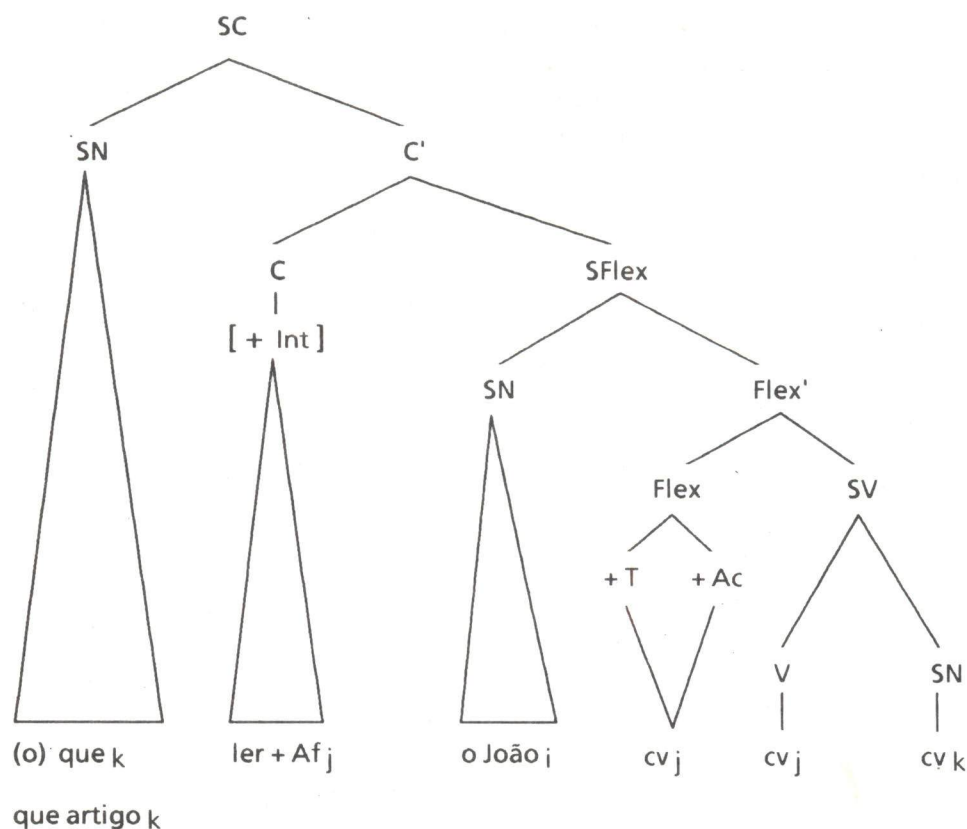
(12) (i) Estrutura-P da(s) frase(s): *(o) que/que artigo leu o João?*



Na representação (12i), as duas posições à esquerda do SFlex não têm material lexical, são duas posições vazias, disponíveis para receber duas categorias que foram projectadas no interior do SFlex — V+Af e o SQ. O núcleo C tem apenas a informação abstracta relativa ao tipo de frase a que corresponde aquela estrutura subjacente — [+Int].

Vejamos, então, na representação da Estrutura-S associada à Estrutura-P (12i), quais as modificações resultantes da aplicação da regra de Mover- $\alpha$ .

(12) (ii) Estrutura-S da(s) frase(s): (o) *que/que artigo leu o João?*



A regra de Mover-V deslocou o verbo *ler* da sua posição básica primeiramente para Flex e em seguida para o núcleo C. Estes movimentos deixam dois vestígios coindexados com as categorias movidas — um vestígio na posição básica de V e outro em Flex. Repare-se que o vestígio deixado em V —  $cv_j$  — corresponde ao verbo movido, mas o segundo vestígio, em Flex —  $cv_j$  —, corresponde não apenas ao verbo  $ler_j$  mas ao conjunto formado por  $ler + Af_j$ , que se encontra em C, na Estrutura-S (12ii).

Vejamus o que se passa com o sintagma-Q em Estrutura-S. O [ $SN$  (o) *que/que* livro $_k$ ] é um sintagma interrogativo numa posição-A' não temática, o que quer dizer que o sintagma-Q não recebe o papel- $\theta$  a ele associado naquela posição. Como sabemos, nas construções declarativas normais, ou nas Interrogativas com o sintagma-Q *in situ*, o papel- $\theta$  Tema é atribuído pelo verbo transitivo *ler* ao SN argumento-complemento, numa posição com caso estrutural em Estrutura-S. Na representação (12ii), temos um vestígio —  $cv_k$  — deixado pelo movimento do sintagma interrogativo, na posição básica do Tema — [SN, SV]. E o sintagma-Q encontra-se na posição-A' de Spec de C.

A categoria vazia vestígio do movimento de um sintagma-Q é caracterizada por ocupar uma posição- $\theta$  (+ $\theta$ ), com caso (+C), e por estar associada ao sintagma que se encontra numa posição-A' (- $\theta$ ).

Já referimos diversas vezes os vestígios deixados pelos movimentos de SNs [-Int] argumentos-complementos de V, por exemplo, quando tratámos as construções ergativas. Estes vestígios são caracterizados de maneira diferente da dos vestígios do sintagma-Q<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver unidade 7, ponto 7.2.1.1

Repare-se que o vestígio de um sintagma-Q (que pode ser um SN [+Int]), por exemplo, quando é objecto directo ou sujeito) distingue-se da categoria vazia vestígio de SN [-Int] por duas razões, que vamos referir relativamente ao vestígio de sintagma-Q, em (13), e relativamente ao vestígio de SN, em (14):

- (13) o vestígio de sintagma-Q
- (i) ocupa uma posição-A, +θ, +C
  - (ii) está associado a um sintagma numa posição-A', -θ, -C
- (14) o vestígio de SN
- (i) ocupa uma posição-A, +θ, -C
  - (ii) está associado a um sintagma numa posição-A, -θ, +C

Para além de a caracterização do vestígio de sintagma-Q ser diferente da do vestígio de SN, também a relação estrutural existente entre o vestígio de sintagma-Q e o sintagma-Q movido é diferente da relação estrutural existente entre o vestígio de SN e o SN movido.

Recorde-se que o movimento de SN dá origem à formação de uma cadeia com caso e papel-θ, em que o SN movido se encontra numa posição-A, -θ, +C, e o seu vestígio numa posição-A, +θ, -C. Na constituição de cadeia temos a associação de duas categorias em posições estruturais do mesmo tipo - duas posições-A de SN -partilhando o mesmo índice. Portanto, numa cadeia bem-formada existe um único caso e um único papel-θ, o que constitui, afinal, uma categoria descontínua, repartida por duas posições estruturais no interior do SFlex, como recordamos com o exemplo seguinte:

- (15)
- $$[ {}_SC [ {}_{SFlex} [ {}_{SN} \text{ o artigo } ] \text{ foi lido } [ {}_{SN} \text{ cv}_i ] ] ]$$
- |     |        |     |
|-----|--------|-----|
| + C | cadeia | + θ |
| - θ |        | - C |

Pelo contrário, a relação que se estabelece entre o sintagma-Q movido e o seu vestígio associa duas categorias em posições estruturais diferentes — uma posição-A', -θ, -C (Espec de C, fora do SFlex), e uma posição-A, +C (dentro do SFlex). Dizemos, relativamente a esta situação, que se trata de uma relação entre um operador — o sintagma-Q na posição estrutural mais alta com escopo sobre toda a estrutura — e uma variável — a categoria vazia numa posição-A com caso:

(16) operador (SX<sub>k</sub>) ... variável (cv<sub>k</sub>)

A relação existente entre o sintagma operador e a categoria vazia variável é expressa pela coindexação das duas categorias em posições estruturais diferentes — uma posição-A', fora do SFlex, e uma posição-A, dentro do SFlex:

(17)

[ <sub>SC</sub> [ <sub>SN</sub> que artigo <sub>k</sub> ] [ <sub>C'</sub> [ <sub>C</sub> ler + Af <sub>j</sub> ] [ <sub>SFlex</sub> o João <sub>i</sub> cv <sub>j</sub> cv <sub>j</sub> [ <sub>SN</sub> cv <sub>k</sub> ]]]]	
-C	+C
-θ	+θ
operador	variável

Acabámos de descrever duas construções normais de Interrogativas Parciais que envolvem movimento de um sintagma-Q. O sintagma-Q operador das construções exemplificadas acima é, basicamente, o objecto directo do verbo, mas se for o sujeito da frase, ou o complemento indirecto de um verbo, ou ainda um adjunto circunstancial, o mecanismo explicativo da construção é exactamente o mesmo, como veremos nos pontos seguintes — 10.1.2.1.2, 10.1.2.1.3 e 10.1.2.1.4, respectivamente.

#### 10.1.2.1.2 A interrogativa de sujeito

A construção Interrogativa de Sujeito apresenta o SQ que funciona como sujeito — [SN, SFlex] — na posição-A' de Espec de C, em Estrutura-S.

Porque a explicação avançada relativamente às construções Interrogativas Q é essencialmente sempre a mesma, vamos apenas apresentar alguns exemplos, acrescentando o pouco que de novo há para dizer.

Consideraremos mais uma vez uma construção Interrogativa com *é que*, sem Inversão, e outra com Inversão, sem *é que*, tendo por base, sem os repetir, todos os elementos referidos no ponto anterior.

Pensemos nos exemplos seguintes:

- (18) a. quem é que leu o artigo?  
 b. quem leu o artigo?

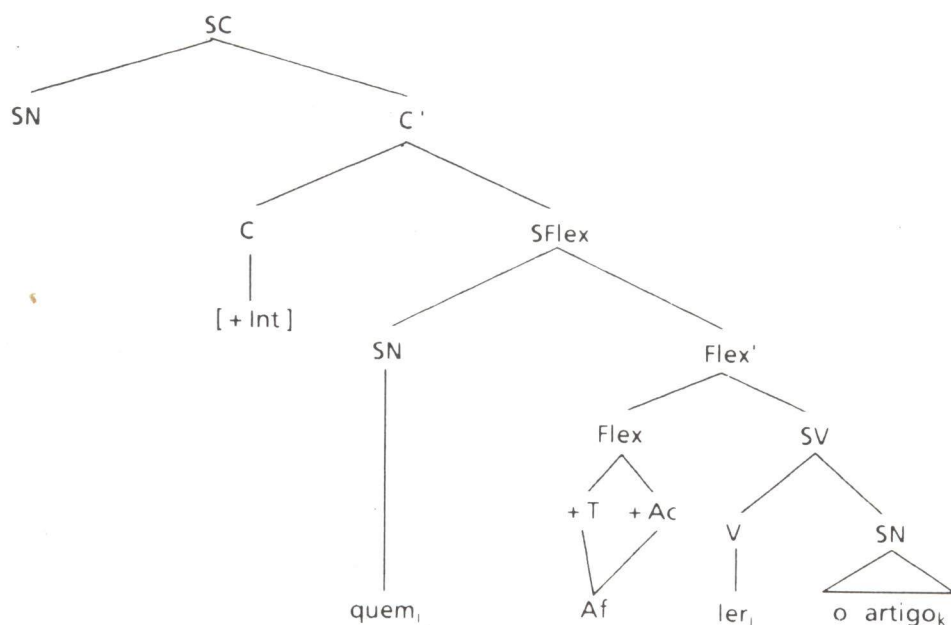
A construção (18a) tem subjacentes as estruturas simplificadas seguintes:

- (19) (i) Estrutura-P da frase: *quem é que leu o artigo?*  
 [<sub>SC</sub> [<sub>SN</sub> ] [<sub>C'</sub> [<sub>C</sub> é que] [<sub>SFlex</sub> [<sub>SN</sub> quem<sub>i</sub>] [<sub>Flex'</sub> Flex ler<sub>j</sub> o artigo<sub>k</sub>]]]]  
 (ii) Estrutura-S da frase:  
 [<sub>SC</sub> [<sub>SN</sub> quem<sub>i</sub>] [<sub>C'</sub> [<sub>C</sub> é que] [<sub>SFlex</sub> [<sub>SN</sub> cv<sub>i</sub>] [<sub>Flex'</sub> ler<sub>j</sub> + Flex cv<sub>j</sub> o artigo<sub>k</sub>]]]]

Como se vê, nas Interrogativas Q de Sujeito o SQ é, em Estrutura-P, o [SN, SFlex], e é este SN que se encontra à esquerda de *é que* na frase, revelando que a regra de Mover-Q associa as duas representações - a Estrutura-P (19i) e a Estrutura-S (19ii).

Não temos nada a acrescentar sobre as representações de (19), pelo que podemos avançar com as representações correspondentes à frase interrogativa (18b), com Inversão:

(20) (i) Estrutura-P da frase: *quem leu o artigo?*



Note-se que, para sermos consistentes com a análise apresentada para a Interrogativa de objecto directo com Inversão, em que V+Af sobe para C, a Estrutura-S correspondente à Estrutura-P (20i) mostra que, também nesta construção Interrogativa de Sujeito, o verbo *ler*+*Af<sub>j</sub>* é movido para o núcleo interrogativo — C. Como sabemos, o movimento de V+Af para C é próprio das construções com Inversão da ordem Sujeito Verbo para Verbo Sujeito. E, embora a subida do verbo+Af para o núcleo C interrogativo não seja visível na frase Interrogativa de Sujeito: *quem leu o artigo?* e o seja na frase Interrogativa de Objecto Directo: *(o) que leu o João?*, o facto de ser obrigatória nesta última, como mostra o contraste de (7), apoia a hipótese de que a construção equivalente de Interrogativa de Sujeito também apresenta o núcleo C preenchido por V+Af, em Estrutura-S:

(20)(ii) [SC quem<sub>i</sub> [C' ler+Af<sub>j</sub> [SFlex cv<sub>i</sub> [Flex' cv<sub>j</sub> [SV cv<sub>j</sub> o artigo<sub>k</sub>]]]]]

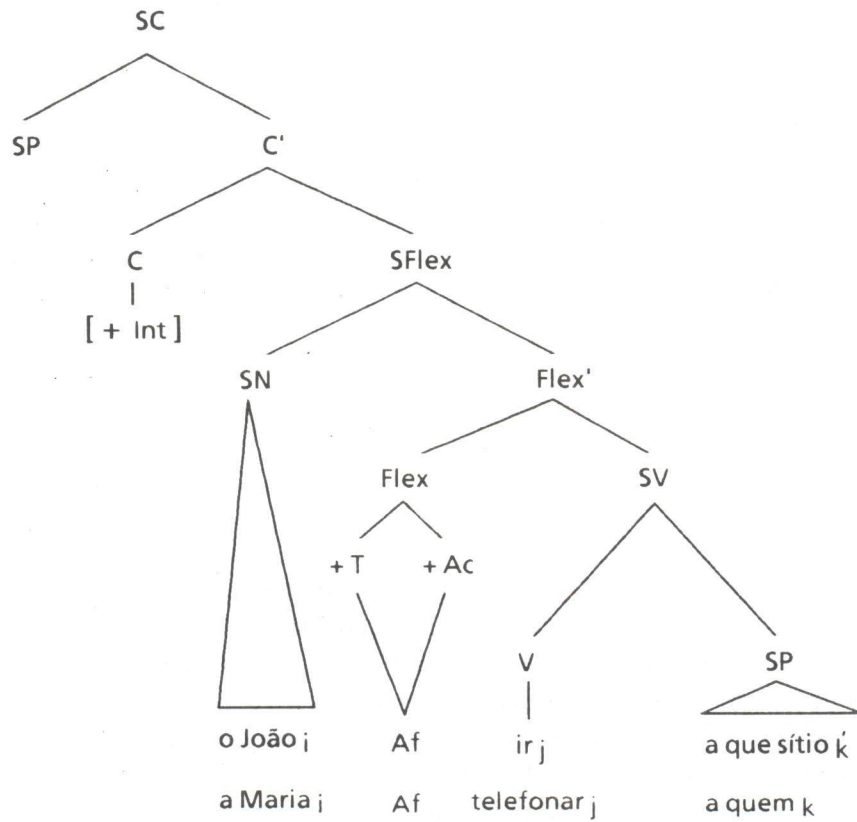
10.1.2.1.3 A interrogativa de complemento indirecto

A construção Interrogativa de Complemento Indirecto apresenta o SQ que funciona como Complemento Indirecto do verbo - [SP, SV] - na posição-A' de Espec de C, em Estrutura-S.

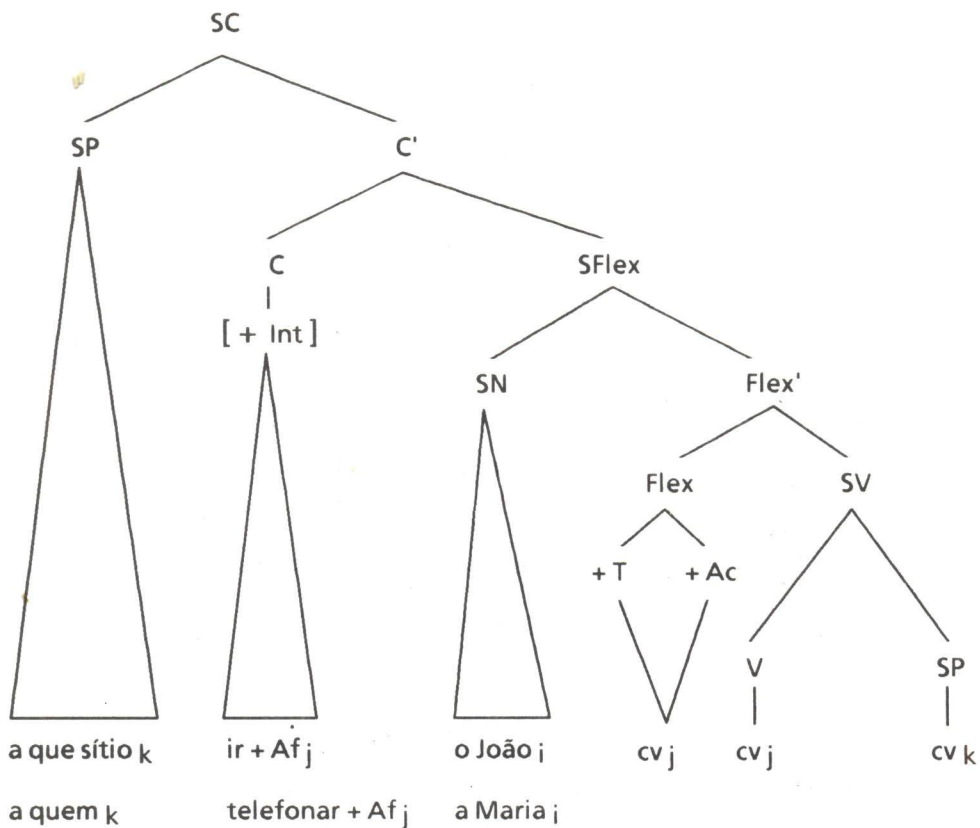
Vamos, então, considerar duas Interrogativas de Complemento Indirecto com Inversão e as estruturas subjacentes correspondentemente:

- (21) a. a que sítio foi o João?  
 b. a quem telefonou a Maria?

(i) Estrutura-P



(ii) Estrutura-S



Repare-se que o especificador de C, nestas representações, é um SP, porque o sintagma-Q interrogativo é um complemento indirecto do verbo, que é realizado como SP em português e, em geral, nas línguas com preposições.

10.1.2.1.4 A interrogativa de adjunto circunstancial

A construção Interrogativa de Adjunto Circunstancial apresenta o sintagma-Q — o SX — que funciona como Adjunto Circunstancial — [<sub>sv</sub> [<sub>sv</sub>]SX] — na posição-A' de Spec de C, em Estrutura-S.

Também estas interrogativas são possíveis com *é que*, sem Inversão, e com Inversão, sem *é que*. Por exemplo:

- 
- (22) a. por que (razão) é que o João telefonou?  
 b. por que (razão) telefonou o João?  
 c. para que (fim) é que o João telefonou?  
 d. para que (fim) telefonou o João?  
 e. quando/a que horas é que o João telefonou?  
 f. quando/a que horas telefonou o João?  
 g. de onde/de que sítio é que o João telefonou?  
 h. de onde/de que sítio telefonou o João?  
 i. como/de que modo é que o João telefonou?  
 j. como/de que modo telefonou o João?

Porque o nosso raciocínio sobre estas construções é idêntico ao que apresentámos para as outras Interrogativas Q com movimento, vamos apenas representar as estruturas subjacentes, simplificadas, de uma delas. Preferimos representar a construção com Inversão por ser um pouco mais complicada do que a construção com *é que* sem Inversão.

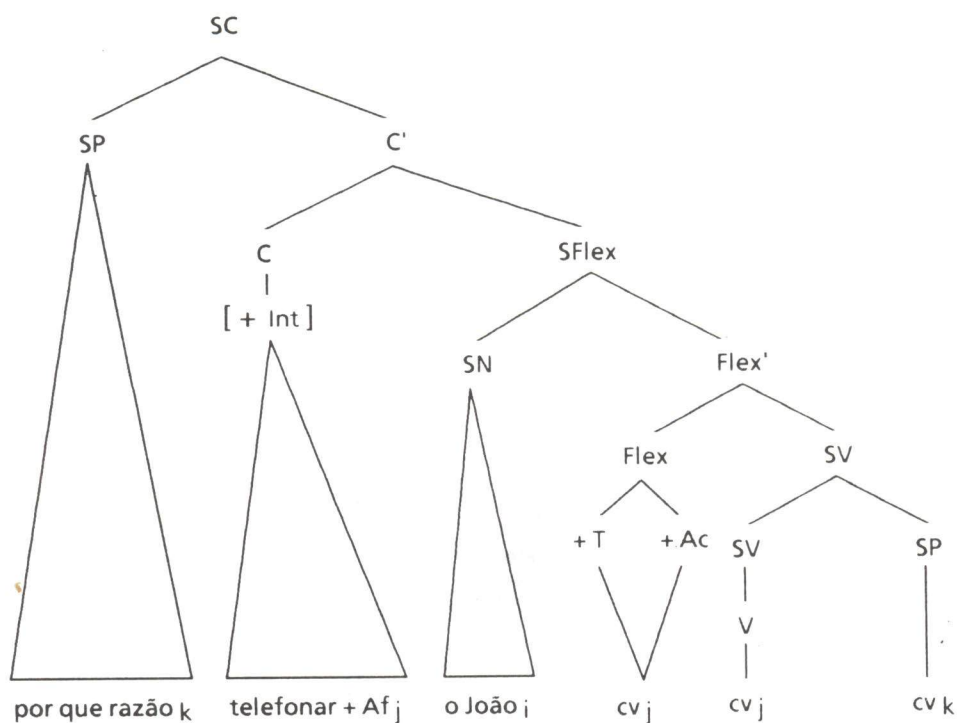
- (23) (i) Estrutura-P da frase: *por que razão telefonou o João?*

[<sub>SC</sub> SP [<sub>C</sub> [<sub>C</sub> +Int] [<sub>SFlex</sub> o João [<sub>Flex</sub> Flex [<sub>SV</sub>  
 sv telefonar] [<sub>SP</sub> por que razão]]]]]]

Como sabemos, o sintagma-Q Adjunto Circunstancial é, em Estrutura-P, um SP adjunto a SV e, pela aplicação da regra de Mover-Q, é movido para a posição de Espec de C, onde se encontra em Estrutura-S, deixando um vestígio com o mesmo índice na posição inicial.

Vamos ver a Estrutura-S:

(ii) Estrutura-S



Como se vê, o [<sub>SP</sub> por que razão<sub>k</sub>], que é basicamente um Adjunto Circunstancial, é, tal como os outros sintagmas-Q, um operador interrogativo com escopo sobre toda a estrutura, e está coindexado com uma variável —  $cv_k$  — na sua posição inicial de adjunto a SV.

10.1.2.2 A interrogativa parcial indirecta

À semelhança do que se passa com a Interrogativa Total Indirecta, apresentada no ponto 10.1.1.2, também a Interrogativa Parcial Indirecta é uma estrutura encaixada, ou seja, subcategorizada por um item lexical. As diferenças existentes entre estes dois tipos de interrogativas têm a ver com o facto de as construções do primeiro tipo serem introduzidas pelo complementador interrogativo *se*, mantendo a ordem de constituintes subjacente, enquanto as do segundo tipo são interrogativas Q com movimento do sintagma interrogativo — SX — para a posição de Espec de C.

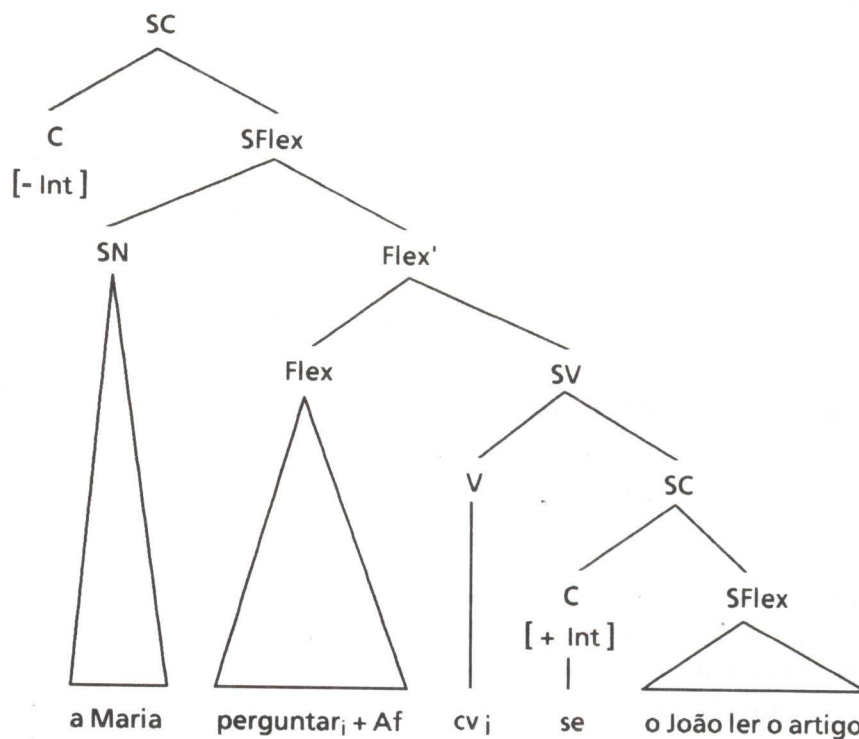
Retomemos o exemplo (3a) de uma construção Interrogativa Total Indirecta para o observarmos a par de um exemplo de uma construção Interrogativa Parcial Indirecta:

- (24) a. a Maria perguntou se o João leu o artigo  
 b. a Maria perguntou quem (é que) leu o artigo

Vamos comparar as representações simplificadas das Estruturas-S de cada uma delas, em (25) e (26):

- (25) (i) [SC [C-Int] [SFlex a Maria [Flex' perguntar<sub>i</sub>+Af [SV cv<sub>i</sub> [SC [C+Int se] [SFlex o João [Flex' ler<sub>j</sub>+Af [SV cv<sub>j</sub> o artigo]]]]]]]]]]

ou (ii)



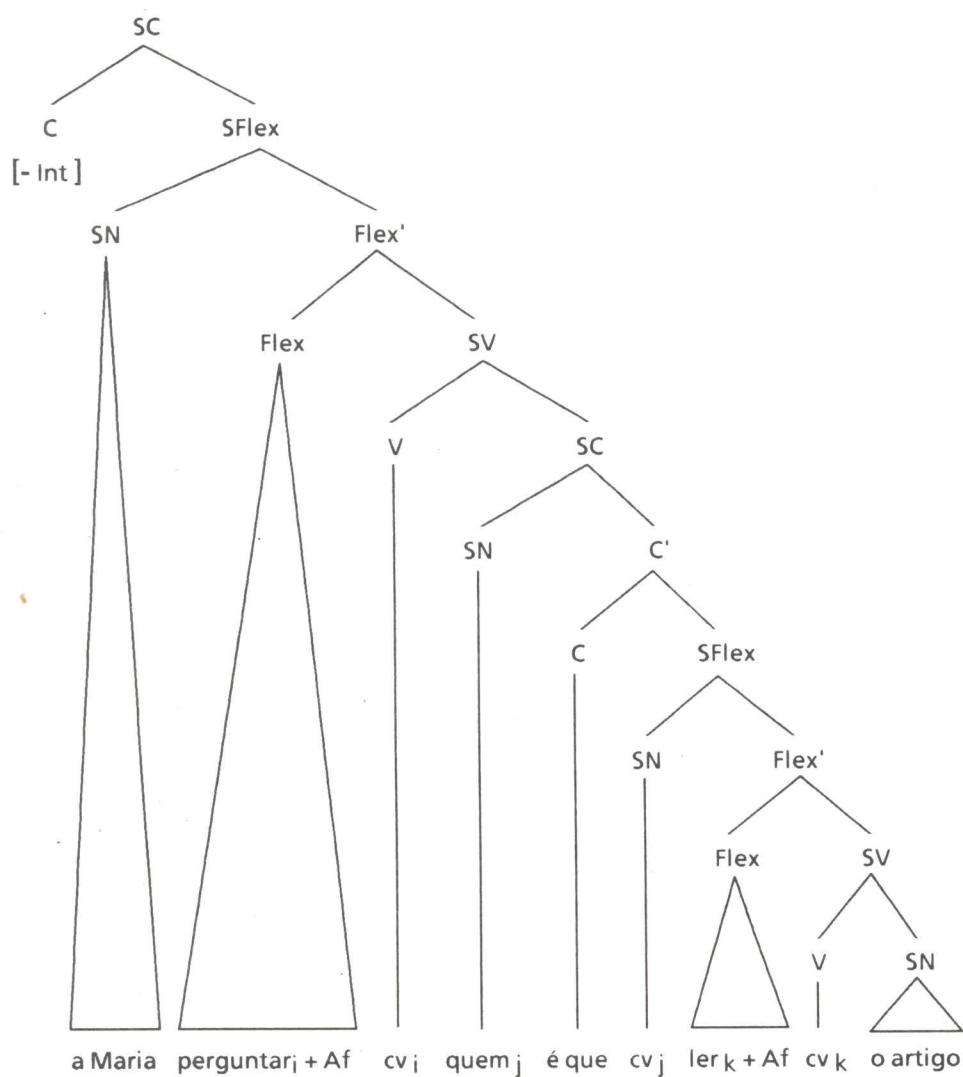
Repare-se que a oração Interrogativa Total Indirecta — o SC complemento subcategorizado pelo [v perguntar] — tem o núcleo C realizado foneticamente pelo complementador *se* mas não tem Especificador de C.

Vejamos, então, o que se passa com a construção Interrogativa Parcial Indirecta de Sujeito:

- (26) (i)

- [SC [C-Int] [SFlex a Maria [Flex' perguntar<sub>i</sub>+Af [SV cv<sub>i</sub> [SC quem<sub>j</sub> [C' [C+Int é que] [SFlex cv<sub>j</sub> [Flex' ler<sub>k</sub>+Af [SV cv<sub>k</sub> o artigo]]]]]]]]]]

ou (ii)



Como se pode ver, ambas as interrogativas representadas acima são estruturas encaixadas com núcleos interrogativos. A Interrogativa Total Indirecta tem o núcleo interrogativo realizado pelo complementador interrogativo *se* e a Interrogativa Parcial Indirecta pode ter o núcleo interrogativo preenchido por *é que*, ou tê-lo vazio, em Estrutura-P, para receber V+Af, como se exemplifica em (24b), em que *é que* é mostrado como opcional através dos parênteses, à semelhança do que acontece com as construções Interrogativas Parciais Directas que vimos nos pontos anteriores.

Também nas construções Interrogativas Parciais Indirectas, ou encaixadas, o sintagma-Q operador na posição de Espec de C está associado a uma variável que pode ocupar qualquer das posições sintácticas correspondentes àquelas que vimos relativamente às Interrogativas Parciais Directas. Assim, por exemplo, a estrutura subcategorizada pelo verbo *perguntar*, que ilustra, acima, em (26i) e (26ii), a Interrogativa Parcial Indirecta de Sujeito, apresenta o SN operador coindexado com a categoria vazia variável na posição de [SN, SFlex] — *quem<sub>j</sub> ... cv<sub>j</sub>*.

Do mesmo modo, a Interrogativa Parcial Indirecta de Objecto Directo apresenta o SN operador coindexado com a variável na posição de [SN, SV]; a Interrogativa Parcial Indirecta de Complemento Indirecto apresenta o SP operador coindexado com a variável na posição de [SP, SV], e a Interrogativa Parcial Indirecta de Adjunto Circunstancial apresenta o SP operador coindexado com a variável na posição de adjunção a SV — [<sub>sv</sub> [<sub>sv</sub>] SP], como mostram os seguintes exemplos de construções com *é que*, sem Inversão e sem *é que*, com Inversão:

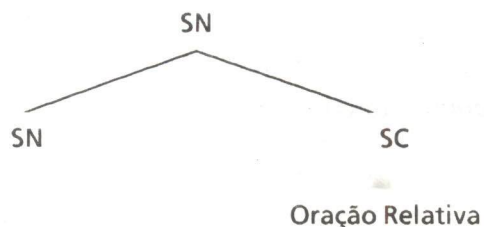
- (26) a. a Maria perguntou [<sub>sc</sub> que artigo<sub>i</sub> é que o João leu cv<sub>i</sub>]  
 a' a Maria perguntou [<sub>sc</sub> que artigo<sub>i</sub> leu<sub>j</sub> o João cv<sub>j</sub> cv<sub>i</sub>]  
 b. a Maria perguntou [<sub>sc</sub> a quem<sub>i</sub> é que o João telefonou cv<sub>i</sub>]  
 b'. a Maria perguntou [<sub>sc</sub> a quem<sub>i</sub> telefonou<sub>j</sub> o João cv<sub>j</sub> cv<sub>i</sub>]  
 c. a Maria perguntou [<sub>sc</sub> porque<sub>i</sub> é que o João telefonou cv<sub>i</sub>]  
 c'. a Maria perguntou [<sub>sc</sub> porque<sub>i</sub> telefonou<sub>j</sub> o João cv<sub>j</sub> cv<sub>i</sub>]<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Repare-se que, nos exemplos (26), utilizamos o índice *i* relativamente à coindexação das categorias envolvidas na relação operador, ... variável, que sintacticamente ilustra a aplicação da regra de Mover-Q para Espec de C, e utilizamos o índice *j* para mostrar o movimento do verbo para o núcleo C.

## 10.2 A construção relativa

Do ponto de vista sintáctico, consideramos que a construção Relativa é uma estrutura de adjunção. Assim, a oração Relativa — SC — é um adjunto à direita de um SN, como mostramos a seguir:

- (27) Construção Relativa



Repare-se que a construção Relativa é um SN complexo constituído pelo SN antecedente da Relativa e pelo SC adjunto, que é a oração Relativa. Adoptamos esta análise para todas as construções Relativas, embora na literatura se encontre também a oração Relativa em adjunção a N' — [N' [N'] SC]. As duas representações sintácticas diferentes — adjunção a SN ou adjunção a N' — são, por vezes, apresentadas com o intuito de distinguir estruturalmente dois tipos de Relativas:

(28) (i) a Relativa Restritiva (= SC adjunto a N')

Exemplo: *os alunos que (= aqueles que) trabalharam ao longo do ano passam facilmente*

(ii) a Relativa Explicativa ou Apositiva (= SC adjunto a SN)

Exemplo: *os alunos, que (= porque) trabalharam ao longo do ano, passam facilmente*<sup>1</sup>

A representação (27), em que a oração Relativa é um adjunto a SN, mostra uma relação de Predicação sem Tempo e sem Acordo, cujo predicado é a projecção máxima SC e o sujeito é a projecção máxima SN. E, tal como em qualquer outra relação de Predicação, o predicado não domina o sujeito nem este último domina o primeiro<sup>1</sup>.

Observemos os seguintes exemplos:

- (29) a. [os alunos que ela admite a exame] passam facilmente  
b. o João viu [o jornalista que escreveu o artigo]  
c. o João telefonou a[o aluno que trabalha com a Maria]  
d. o João viu a Maria n[o local que indicaste]

**A construção Relativa é uma Predicação Secundária cujo sujeito é um SN e o predicado é uma oração Relativa, isto é, um SC adjunto ao sujeito da Predicação Secundária.** Isto é, o conjunto constituído pelo SN sujeito — antecedente da Relativa — e o predicado SC — oração Relativa — é uma Predicação Secundária num SN complexo, a que chamamos construção Relativa.

Como se vê nas frases de (29), o SN complexo que constitui a construção Relativa pode desempenhar diferentes funções na oração principal, e o sintagma-Q relativo pode estar associado a diferentes posições sintácticas da oração Relativa.

Veremos em 10.2.1, de uma forma muito simplificada, estruturas com construções Relativas desempenhando diferentes funções sintácticas, e em 10.2.2 desenvolveremos a estrutura interna de algumas orações Relativas.

<sup>1</sup> Algumas propriedades semânticas da construção Relativa são abordadas na unidade 11. Para um estudo mais desenvolvido sobre «A Sintaxe das Orações Relativas em Português» ver Brito (1988).

### 10.2.1 Distribuição das construções relativas

Embora a estrutura da construção Relativa que adoptamos seja sempre a mesma — (27) — vamos começar por observar a sua distribuição na frase, ou seja, as diversas funções que o SN com aquela estrutura pode desempenhar na oração que o contém.

Conforme mostram os exemplos (29), há construções Relativas Sujeito — (29a) —, Relativas Complemento Directo — (29b) —, Relativas Complemento Indirecto — (29c) —, e Relativas Adjunto Circunstancial — (29d). Todas as frases de (29) apresentam construções **Relativas com Antecedente**.

Outras construções Relativas, denominadas **Relativas Livres**, ou **Relativas Sem Antecedente**, porque não apresentam o SN antecedente da Relativa realizado lexicalmente, têm a mesma distribuição que as Relativas Com Antecedente, exemplificadas em (29). E, embora as Relativas Livres não tenham antecedente lexical, têm uma estrutura idêntica à estrutura das Relativas com Antecedente lexical.

Vejamos as frases seguintes:

- (30) a. [pro quem ela admite a exame] passa facilmente
- b. o João viu [pro quem escreveu o artigo]
- c. o João telefonou a [pro quem trabalha com a Maria]
- d. o João viu a Maria [pro onde indicaste]

As frases de (30) exemplificam construções Relativas Sem Antecedente lexical desempenhando diferentes funções sintácticas na oração principal: Relativa Sujeito em (30a), Relativa Complemento Directo em (30b), Relativa Complemento Indirecto em (30c), e Relativa Adjunto Circunstancial em (30d).

#### 10.2.1.1 A construção relativa sujeito

Na frase (29a) — *os alunos que ela admite a exame passam facilmente* — a oração Relativa predica sobre o [SN os alunos], constituindo juntos o sujeito [SN, SFlex] da oração principal. A oração Relativa é, portanto, um adjunto do [SN, SFlex], o que torna a estrutura daquele SN uma relação de Predicação Secundária, dominada pela projecção máxima SFlex da frase matriz. Recorde-se que a relação estrutural envolvida na relação de Predicação é o comando-m<sup>1</sup>.

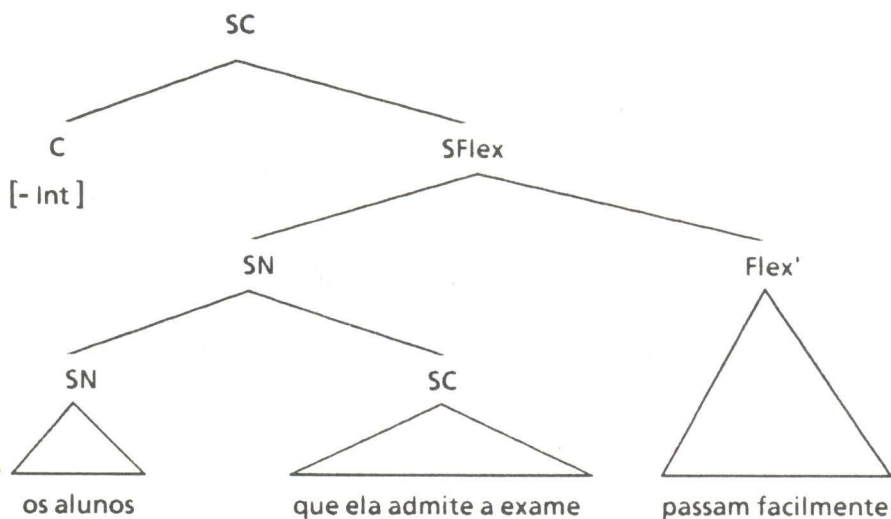
<sup>1</sup> Ver a definição de comando-m na unidade 7.

Vamos ver uma representação simplificada em que se considera, apenas, alguns dos principais constituintes da frase (29a), que contém uma construção **Relativa Sujeito**:

(31) (i)

[<sub>SC</sub> [-Int] [<sub>SFlex</sub> [<sub>SN</sub> [<sub>SN</sub> os alunos] [<sub>SC</sub> que ela admite a exame]]  
[<sub>Flex'</sub> passam facilmente]]]

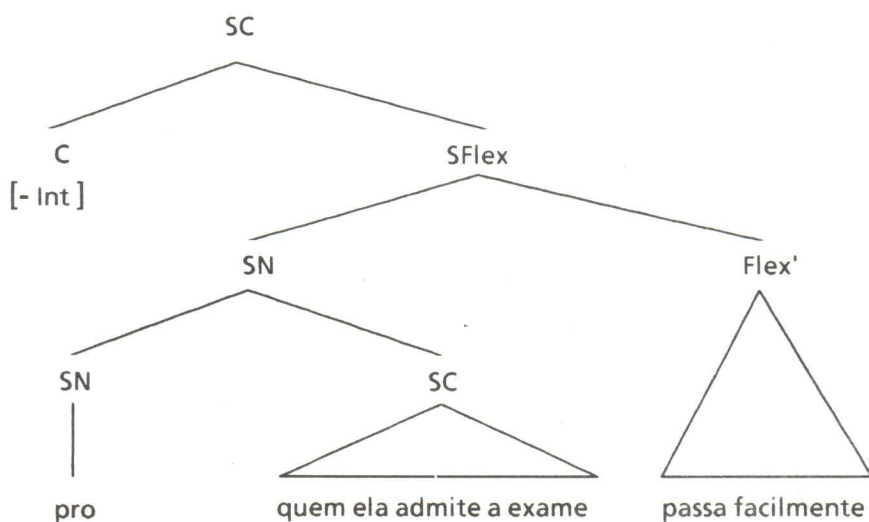
ou (ii)



As representações (31) mostram a construção Relativa — *os alunos que ela admite a exame* — funcionando como sujeito, isto é, como o [<sub>SN</sub>, <sub>SFlex</sub>] da Predicação Principal, que corresponde à oração mais alta, principal ou matriz. E o [<sub>SN</sub> os alunos] é o sujeito da Predicação Secundária representada pela estrutura de adjunção do <sub>SC</sub> relativo àquele <sub>SN</sub>.

Observemos, agora, a representação em árvore da frase (30a) — *quem ela admite a exame passa facilmente*, uma construção Relativa Sujeito Sem Antecedente:

(32)

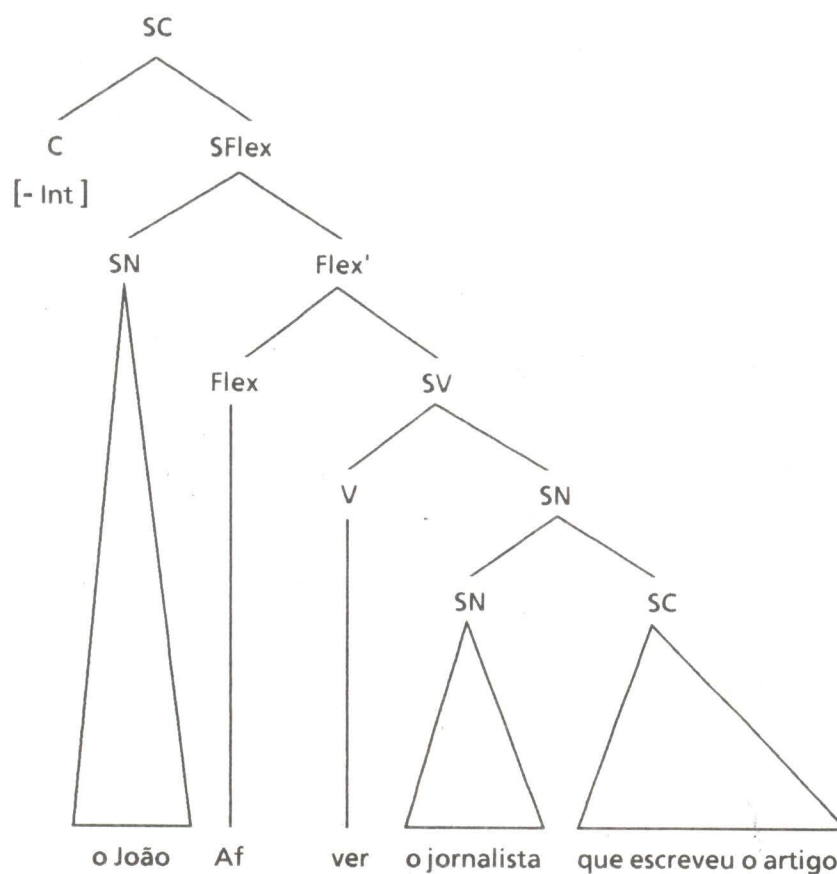


Como se vê em (32), a representação sintáctica da Relativa Sujeito Sem Antecedente é idêntica à da Relativa Sujeito Com Antecedente, apenas não tem o antecedente realizado lexicalmente. Na estrutura (32) o [SN *pro*] desempenha a função do [SN *os alunos*] da estrutura (31). A categoria vazia *pro* é o SN sujeito da Predicação Secundária que constitui a construção Relativa sem Antecedente. Aquela categoria vazia — *pro* — recebe o papel- $\theta$  externo do verbo *passar* e é legitimada com caso Nominativo atribuído pela categoria Flex [+T, +Ac] da oração principal.

#### 10.2.1.2 A construção relativa complemento directo

O exemplo (29b) — *o João viu o jornalista que escreveu o artigo* contém uma construção Relativa Complemento Directo, que representamos simplificada-mente em (33), considerando, mais uma vez, apenas os constituintes indispensáveis para se visualizar a posição da oração Relativa:

(33)



Em (33), a construção Relativa é uma Predicação Secundária que envolve o [SN, SV], sendo, portanto, o SV a projecção máxima que domina o sujeito da Predicação Secundária — o antecedente [SN o artigo] — e o predicado secundário — a oração Relativa [SC que a Maria escreveu].

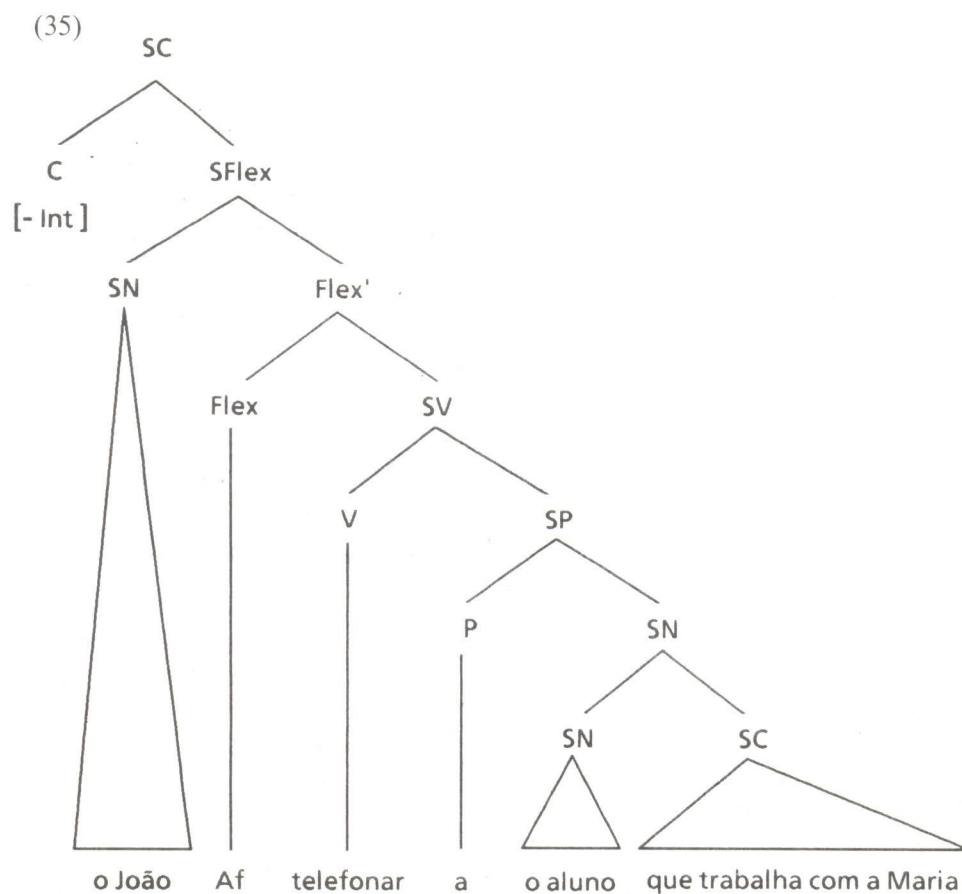
Vejamos, também, a representação simplificada da Relativa Complemento Directo Sem Antecedente — *o João viu quem escreveu o artigo*:

(34) [SC -Int [SFlex o João Flex [SV ver [SN [SN pro]  
[SC quem escreveu o artigo]]]]]

Nesta construção, a categoria vazia *pro* é o sujeito secundário da Predicação Secundária que constitui a construção Relativa Complemento Directo. E *pro* recebe o papel- $\theta$  directo do verbo *ver*, sendo legitimado com o caso estrutural daquele verbo transitivo.

### 10.2.1.3 A construção relativa complemento indirecto

A frase (29c) — *o João telefonou ao aluno que trabalha com a Maria* — exemplifica uma **Relativa Complemento Indirecto**, que representamos a seguir, muito simplificada, à semelhança das representações dos pontos anteriores:



Em (35) a oração Relativa é um adjunto do SN Complemento Indirecto do verbo *telefonar* — o [SN, SP]. Neste caso, a Predicação Secundária que constitui a construção Relativa tem lugar no interior do SP complemento do verbo.

Precisamente o mesmo se passa relativamente à frase (30c) — *o João telefonou a quem trabalha com a Maria* —, que contém uma construção Relativa Complemento Indirecto Sem Antecedente.

Vejamus a representação de (30c):

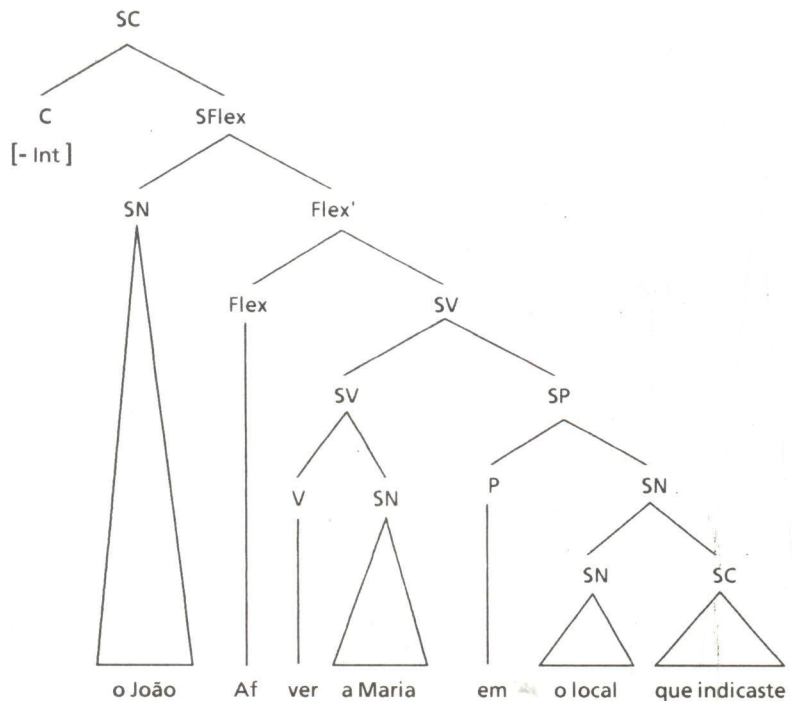
(36) [SC -Int [SFLex o João Flex [SV telefonar [SP a [SN [SN pro] [SC quem trabalha com a Maria]]]]]]

Repare-se que a categoria vazia *pro* realiza o complemento indirecto do verbo *telefonar*, que, como sabemos, tem caso por regência da preposição *a*. Assim, em (36), *pro* é o antecedente foneticamente nulo da Relativa Complemento Indirecto.

#### 10.1.2.1.4 A construção relativa de adjunto circunstancial

A frase (29d) — *o João viu a Maria no local que indicaste* — contém uma construção Relativa Adjunto Circunstancial, que vamos representar do mesmo modo que as construções relativas anteriores:

(37)



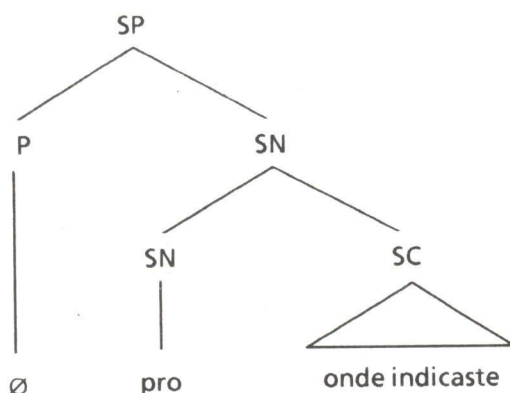
A oração Relativa — [SC que indicaste] — é o Predicado Secundário, adjunto do [SN o local] sujeito da Predicação Secundária que corresponde à construção Relativa Adjunto Circunstancial do SV mais alto da estrutura (37).

Observemos, paralelamente, a estrutura da frase (30d) — *o João viu a Maria onde indicaste* —, que contém uma construção Relativa Adjunto Circunstancial Sem Antecedente:

- (38) [SC -Int [S<sub>Flex</sub> O João Flex [SV [SV ver a Maria] [SP [P Ø ] [SN [SN pro] [SC onde indicaste]]]]]]]

A construção Relativa representada em (38) é, à semelhança do que se verifica na representação (37), o SN complexo dominado pelo SP Adjunto Circunstancial do SV mais alto. A categoria vazia *pro*, sujeito da Predicação Secundária que é a construção Relativa Adjunto Circunstancial da oração principal, tem caso inerente. O caso inerente do núcleo do Adjunto Circunstancial é realizado estruturalmente por uma preposição foneticamente nula, como se vê mais claramente em (39):

(39)



Esta estrutura reforça a ideia de que os Adjuntos Circunstanciais são estruturalmente SPs. E, de facto, estes SPs podem ter o núcleo P realizado por um item lexical, como se vê, por exemplo, em (37), ou tê-lo foneticamente nulo, como mostra (39). A preposição é, no entanto, teoricamente necessária, uma vez que o SN sujeito da Predicação Secundária — *pro* — tem de ser legitimado com caso para satisfazer a Condição de Visibilidade. Este, porque está numa estrutura de adjunção a SV, não pode receber caso estrutural de outro modo, visto não ser regido nem por um verbo transitivo nem por Flex [+T, +Ac].

Assim, comprovamos que, à semelhança do que se passa com outros casos inerentes em que a preposição pode não aparecer foneticamente realizada, também o Adjunto Circunstancial pode não apresentar uma preposição lexical realizando o caso estrutural do SN, embora não possa prescindir dela sintacticamente<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver unidade 7, em particular ponto 7.2.2

### 10.2.2 A estrutura interna das orações relativas

Tal como acontece com a sintaxe das construções Interrogativas Q, as orações Relativas envolvem movimento de um sintagma-Q e apresentam, em Estrutura-S, o sintagma-Q relativo na posição-A' de Spec de C, coindexado com uma variável numa posição-A.

Uma vez que já explicámos todo o mecanismo subjacente à descrição da construção Interrogativa Q com movimento, vai ser muito simples a descrição da estrutura interna da Relativa.

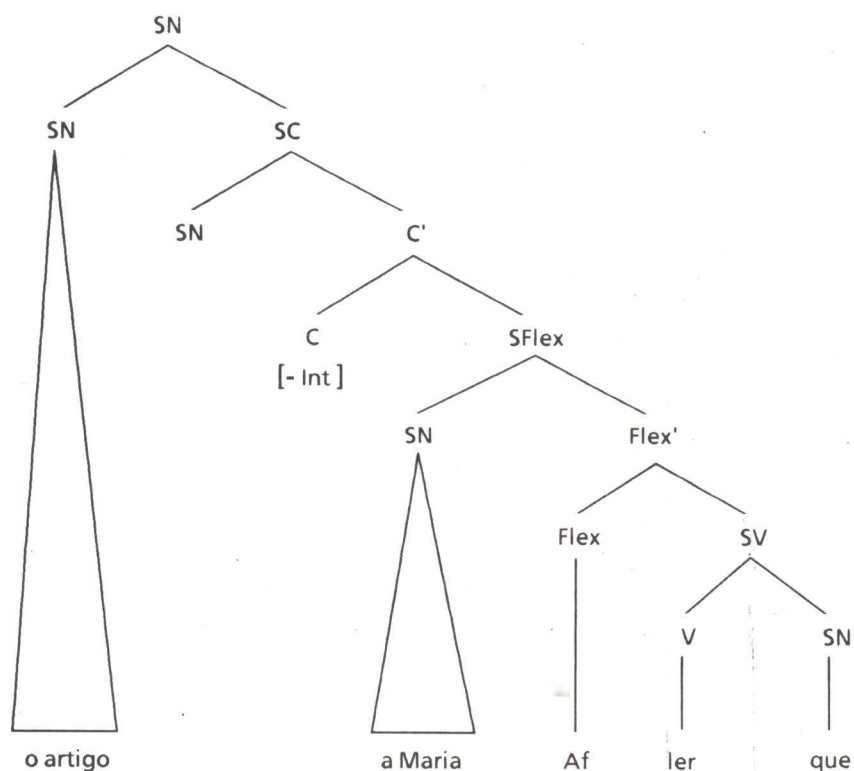
Vamos, portanto, apenas ilustrar a representação sintáctica de algumas construções Relativas, desenvolvendo a estrutura interna do SC — oração Relativa.

- (40) a. [SN [SN o artigo] [SC que a Maria leu]]  
 b. [SN [SN o jornalista] [SC que escreveu o artigo]]  
 c. [SN [SN a aluna] [SC a quem deste vinte valores]]  
 d. [SN [SN o sítio] [SC onde/aonde/em que ela trabalhha]]

Os sintagmas-Q relativos que iniciam as orações Relativas (40) são projectados em diferentes posições-A das Estruturas-P.

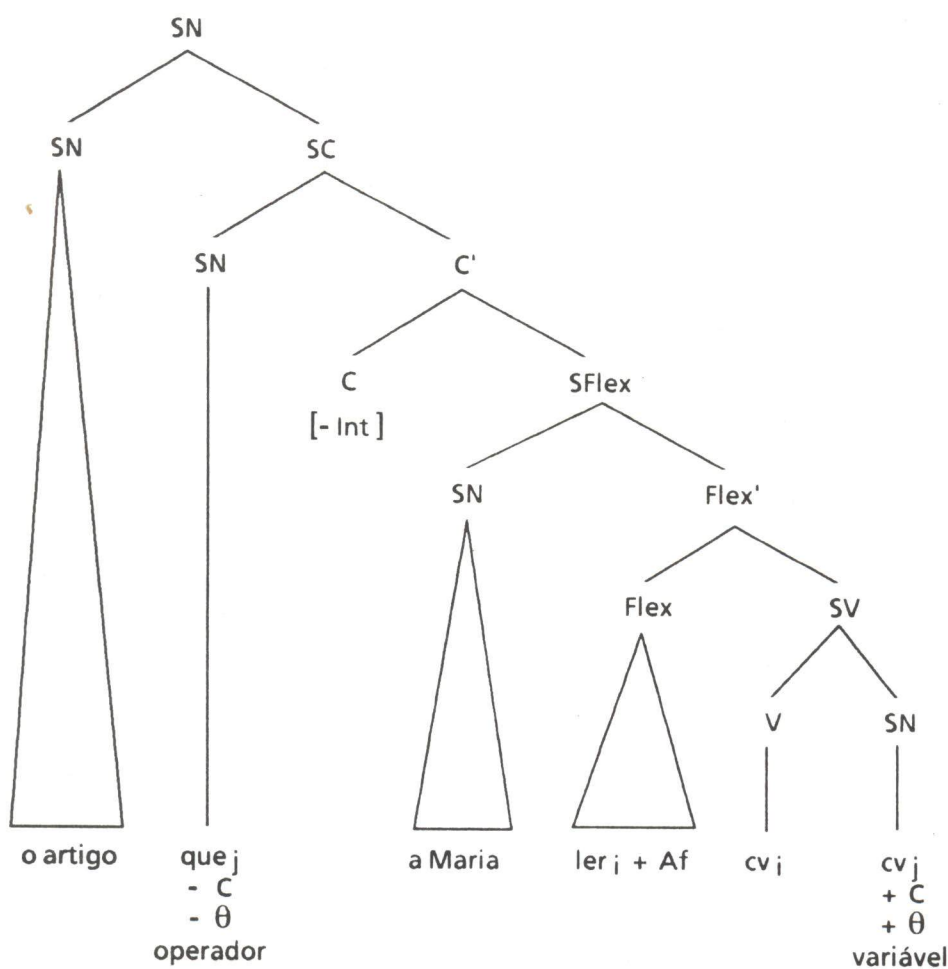
Vamos examinar as representações simplificadas correspondentes:

- (41) Estrutura-P do [SN o artigo que a Maria leu]



Repare-se que o núcleo C da oração Relativa tem a informação [-Int], e que, como está previsto, foi projectado no interior de SFlex o verbo *ler* e os seus dois argumentos. O argumento externo Agente é o sujeito da oração Relativa — o [SN a Maria] —, e o argumento interno **Tema** é o objecto directo ou complemento directo do verbo *ler* — o [SN que]. Como se vê, o complemento directo do verbo *ler* é realizado pelo pronome relativo *que*. Na frase relativa (40a) — *que a Maria leu* —, o [SN que] não se encontra na sua posição básica de complemento do verbo mas aparece no início da oração. Assim, a regra de Mover-Q desloca o sintagma-Q relativo, neste caso o [SN, SV], para a posição-A' de Espec de C, como mostra a seguinte representação de (40a):

(42) Estrutura-S do [SN o artigo que a Maria leu]

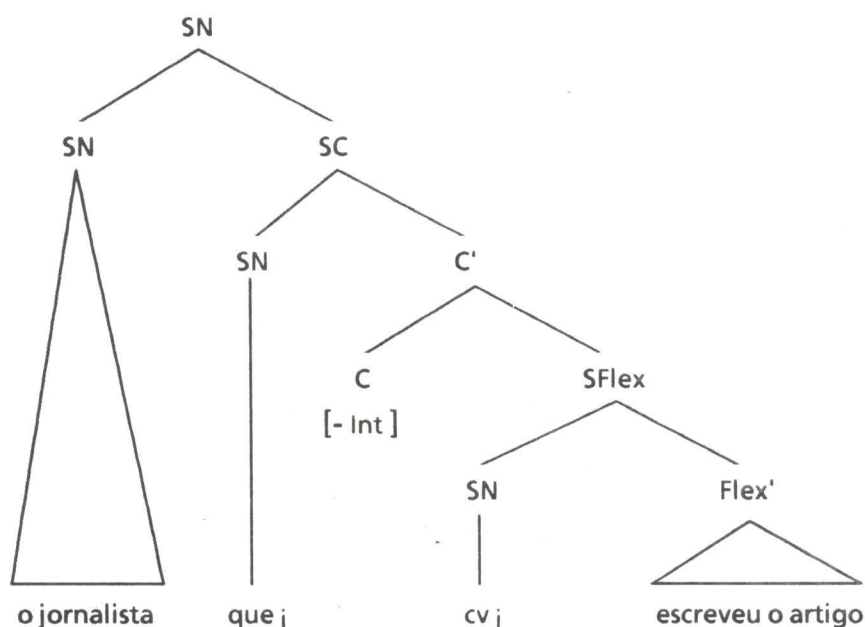


Como se vê em (42), temos na estrutura interna da oração Relativa o [SN que<sub>j</sub>] relativo na posição-A' de Espec de C funcionando como um operador coindexado com a variável, o vestígio cv<sub>j</sub>, numa posição-A com caso — [SN, SV]:

- (43) operador  $que_j$  ... variável  $cv_j$
- |            |            |
|------------|------------|
| -C         | +C         |
| - $\theta$ | + $\theta$ |

Foi exactamente este mecanismo que observámos relativamente à construção Interrogativa Q, no ponto 10.1.2.1. Vamos, portanto, representar, simplifadamente, as Estruturas-S subjacentes às restantes construções de (40).

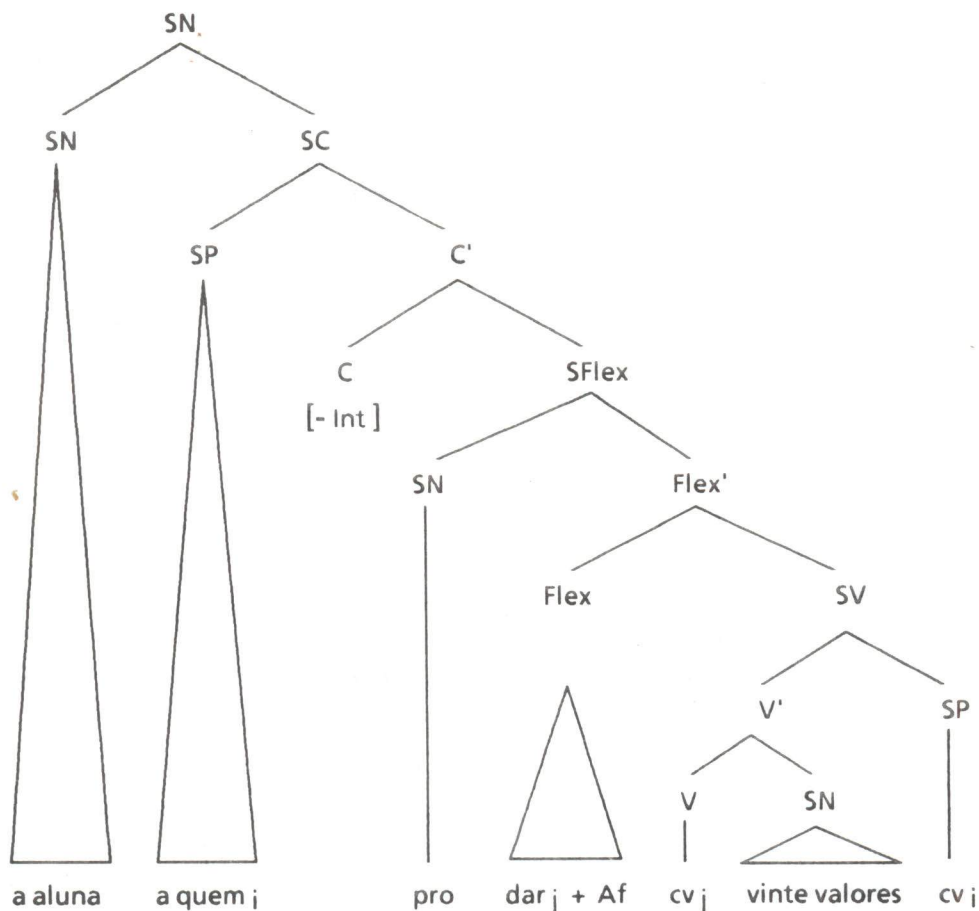
- (44) Estrutura-S do [<sub>SN</sub> o jornalista que escreveu o artigo]



Embora isso não seja visível na oração Relativa (40b), o [<sub>SN</sub> que], sujeito básico do [<sub>SV</sub> escrever o artigo], foi movido para a posição de Espec de C, como acontece a todos os sintagmas-Q relativos, independentemente da sua função básica. Na posição-A' de Espec de C o sintagma-Q funciona como operador associado à variável na posição-A [<sub>SN</sub>, SFlex]. A coindexação existente entre o sintagma-Q movido para Espec de C e o seu vestígio em [<sub>SN</sub>, SFlex], relaciona aquelas duas posições sintácticas permitindo que o sintagma-Q seja entendido como o sujeito da oração Relativa (40b) — [<sub>SC</sub> que escreveu o artigo].

Reparemos, igualmente, na representação da Estrutura-S de (40c):

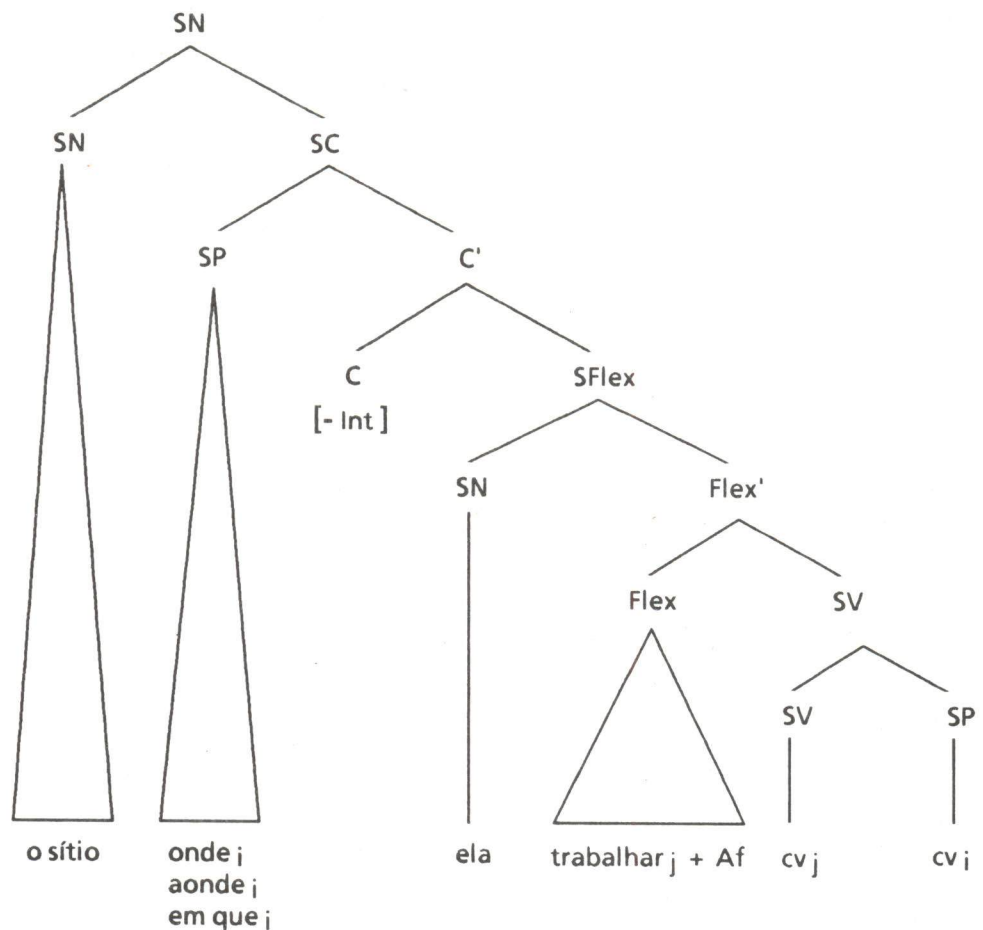
(45) Estrutura-S do [SN a aluna a quem deste vinte valores]



Nesta representação o Espec de C é o [SP a quem<sub>i</sub>], operador relativo coindexado com a variável — cv<sub>i</sub> — na posição de complemento indirecto do verbo *dar*.

Observemos, finalmente, a Estrutura-S simplificada da construção Relativa (40d):

(46) Estrutura-S do [SN o sítio onde/aonde/em que ela trabalha]



O [SP onde<sub>i</sub>/aonde<sub>i</sub>/em que<sub>i</sub>] é o sintagma-Q relativo entendido como Adjunto Circunstancial de Lugar da oração Relativa, porque funciona como operador em Espec de C associado à variável — cv<sub>i</sub> — na posição de Adjunto a SV daquela oração.

### 10.3 A teoria do movimento e a teoria da ligação

Descrevemos nos pontos anteriores duas construções do português que obedecem sensivelmente às mesmas condições estruturais, visto ambas envolverem a aplicação da regra de Mover- $\alpha$ . O movimento verificado nas representações apresentadas atrás é denominado **movimento por substituição**, uma vez que, ao mover uma categoria para outra posição, se verifica uma substituição. Em Chomsky (1986:4) encontramos o movimento por substituição caracterizado com as seguintes propriedades:

- 
- (47) (i) não há movimento para a posição de complemento
- (ii) só X° pode mover-se para a posição de núcleo
- (iii) só uma projecção máxima pode mover-se para a posição de especificador
- (iv) só projecções mínimas e máximas (X°, X'') são «visíveis» à regra de Mover- $\alpha$ .

A propriedade (47i) resulta da necessidade, imposta pelo Princípio de Projecção e pelo Critério Temático, de na posição temática de complemento de um núcleo só poder ser realizado um argumento ou o seu vestígio, não estando essa posição livre para ser ocupada por outra categoria movida por substituição.

As duas propriedades seguintes — (47ii) e (47iii) — derivam de um Princípio de Preservação da Estrutura, proposto inicialmente por Emonds (1976). Aquele princípio determina que os movimentos que associam as representações sintácticas — Estrutura-P e Estrutura-S — têm de manter a estrutura sintagmática inalterada no decurso da derivação.

Assim, a propriedade (47ii) diz respeito ao movimento núcleo a núcleo, que verificámos na subida do núcleo V para o núcleo Flex, e, posteriormente, para o núcleo C.

E a propriedade (47iii) refere os movimentos de projecções máximas - SX - para as posições de especificador, que são, como vimos, igualmente, posições de projecções máximas: o especificador de Flex — [SN, SFlex] —, e o especificador de C — [SX, SC].

A propriedade (47iv) é discutível, porque parece haver evidência de que determinadas projecções intermédias também são movidas, o que para a nossa análise não é importante, uma vez que observámos, apenas, movimentos de projecções mínimas e máximas, como previsto em (47iv).

Deixamos, entretanto, muitos aspectos por aprofundar, assim como deixamos por explorar muitos outros aspectos interessantes, numa tentativa de tornar mais simples a explicação dos fenómenos apresentados.

Pensemos, por exemplo, na única regra transformacional prevista actualmente pela teoria — a regra de Mover- $\alpha$ . A aplicação desta regra é restringida pela existência de **categorias bloqueadoras** que funcionam como **Barreiras** ao movimento de outras categorias. Consequentemente, o movimento que passa Barreiras dá origem a construções mal formadas.

Repare-se nos seguintes exemplos:

- (48) a. que carro comprou a Maria  
(i) [<sub>SC</sub> que carro<sub>i</sub> comprou<sub>j</sub> [<sub>SFlex</sub> a Maria cv<sub>j</sub> cv<sub>i</sub>]]  
b. o João perguntou que carro comprou a Maria  
(ii) [<sub>SC</sub> [<sub>SFlex</sub> o João perguntou [<sub>SC</sub> que carro<sub>i</sub> comprou<sub>j</sub> a Maria cv<sub>j</sub> cv<sub>i</sub>]]]  
c. \*que carro o João perguntou comprou a Maria  
(iii) [<sub>SC</sub> que carro<sub>i</sub> [<sub>SFlex</sub> o João perguntou [<sub>SC</sub> cv<sub>i</sub> comprou<sub>j</sub> a Maria cv<sub>i</sub>]]]

A má formação de (48c), representada em (48iii), mostra que o sintagma-Q interrogativo — [<sub>SN</sub> que carro] — objecto directo do verbo da oração subcategorizada não pode ser movido para o especificador da oração principal, porque existem Barreiras ao seu movimento. Tais Barreiras impedem que se estabeleça a relação de Regência por antecedente necessária à coindexação do operador e da variável na posição básica de objecto directo do verbo *comprar*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Para o estudo deste assunto ver Chomsky (1986).

Outro aspecto interessante, que não considerámos, tem a ver com a caracterização sintáctica das expressões nominais. Uma outra sub-teoria da Gramática Gerativa denominada **Teoria da Ligação** estipula três princípios para os três tipos de expressões nominais que aparecem nas frases:

- **anáforas:** anáforas lexicais (recíprocos e reflexos), vestígios de SN e PRO;
- **pronominais:** pro, PRO e pronomes realizados foneticamente;
- **expressões-R(eferenciais):** nomes e variáveis)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Ver Chomsky (1981; 1985).

(49) **Teoria da Ligação**

**Princípio A** - uma anáfora está ligada num domínio local

**Princípio B** - um pronominal está livre num domínio local

**Princípio C** - uma expressão-R está livre (no domínio da cabeça da sua cadeia).

O **domínio** de um elemento, referido em (49), é o sintagma mínimo que o contém:

- (50) O **domínio** de  $\alpha$  é a projecção máxima mais baixa que contém  $\alpha$ . Assim, uma categoria  $\alpha$  comanda-c todos os elementos do seu domínio que não estão contidos em  $\alpha$ . E **domínio local** é definido como o domínio do sujeito mais próximo.

Nesta teoria, a **Ligação** é definida em relação ao antecedente numa posição-A, isto é, no interior do SFlex, de acordo com as seguintes condições:

- (51) (i)  $\alpha$  está ligado-A por  $\beta$  sse  $\alpha$  e  $\beta$  estiverem coindexados,  $\beta$  comandar-c  $\alpha$ , e  $\beta$  estiver numa posição-A
- (ii)  $\alpha$  está livre se não estiver ligado-A

Vejam-se alguns exemplos:

- (52) a. eles<sub>i</sub> deram livros [um ao outro<sub>i</sub>] / eles<sub>i</sub> admiram[-se<sub>i</sub>]
- b. \*eles<sub>i</sub> querem [<sub>sc</sub> que a Maria dê livros [um ao outro<sub>i</sub>]]
- c. eles<sub>i</sub> querem [<sub>sc</sub> que a Maria lhes<sub>i/j</sub> dê livros]
- d. ele<sub>i</sub> deu um livro ao João<sub>j</sub>
- e. \*ele<sub>i</sub> deu um livro ao João<sub>i</sub>

Nos exemplos (52a), tanto a anáfora lexical [um ao outro] como o reflexo [-se] estão ligados, ou seja, coindexados com o [<sub>SN</sub> eles], seu antecedente, num domínio local — o SFlex —, satisfazendo o Princípio A.

O exemplo (52b) é mal formado, porque viola o princípio A, uma vez que a anáfora não pode estar livre no domínio local. Repare-se que o recíproco [um ao outro] não está coindexado com um antecedente no interior do SFlex que o contém.

A frase (52c) mostra que os pronomes estão livres nos seus domínios locais, de acordo com o Princípio B, podendo, contudo, os pronomes ser correferentes, isto é, os pronomes podem ter mas não têm obrigatoriamente o mesmo referente, ao contrário das anáforas que dependem sintáctica e semanticamente do seu antecedente, porque estão ligadas num domínio local.

Em (52d), tanto o pronome *ele* como a expressão-R *o João* estão livres e têm, necessariamente, referência disjunta, ou seja, têm referentes distintos, como previsto pelos Princípios B e C da Teoria da Ligação.

Em (52e) vê-se que a interpretação de correferência entre o pronome *ele* e a expressão-R *o João* não é possível, de acordo com os princípios B e C da Teoria da Ligação.

---

#### 10.4 Tópicos de recapitulação geral

- instanciações da regra de Mover- $\alpha$
- SCs [+Int] e SCs [-Int]
- funções sintáticas do sintagma-Q interrogativo e do sintagma-Q relativo
- construção relativa e oração relativa
- Teoria do Movimento e Princípio de Preservação da Estrutura

#### Referências bibliográficas

- ÂMBAR, M. 1988 - *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa.
- BRITO, A.M. 1988 - *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras do Porto.
- CHOMSKY, N. 1981 - *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. 1985 - *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*, New York, Praeger.
- CHOMSKY, N. 1986 - *Barriers*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph 13).
- EMONDS, J. 1976 - *A Transformational Approach to English Syntax*, New York, Academic Press.